

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Amanda Correia Ronchi

Século do Fogo:

A perseguição às práticas mágicas na Islândia do século XVII

Florianópolis

2022

Amanda Correia Ronchi

Século do Fogo:

A perseguição às práticas mágicas na Islândia do século XVII

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel/Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Dias da Silveira

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ronchi, Amanda Correia

Século do Fogo : A perseguição às práticas mágicas na
Islândia do século XVII / Amanda Correia Ronchi ;
orientador, Aline Dias da Silveira, 2022.

79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. Islândia. 3. Século do Fogo. 4. Práticas
Mágicas. 5. Galdrabók. I. Silveira, Aline Dias da. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e seis dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Aline Dias da Silveira, Orientadora e Presidente e pela Professora Raisa Barbosa Wentelemn Sagredo, Suplente, designadas pela Portaria nº 18/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Amanda Correia Ronchi**, subordinado ao título: “**Século do Fogo: A perseguição às práticas mágicas na Islândia do século XVII**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Aline Dias da Silveira a nota final **10** e da Professora Raisa Barbosa Wentelemn Sagredo a nota final **10**; sendo aprovada com a nota final **10**. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dois de agosto de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 26 de julho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.a Aline Dias da Silveira



Documento assinado digitalmente

Aline Dias da Silveira

Data: 26/07/2022 16:35:23-0300

CPF: 899.016.810-49

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Raisa Barbosa Wentelemn Sagredo



Documento assinado digitalmente

RAISA BARBOSA WENTELEMN SAGREDO

Data: 26/07/2022 21:00:18-0300

CPF: 079.444.939-51

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Candidata Amanda Correia Ronchi



Documento assinado digitalmente

Amanda Correia Ronchi

Data: 27/07/2022 09:33:58-0300

CPF: 096.321.759-30

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Amanda Correia Ronchi, matrícula n.º 16105023, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Século do Fogo: A perseguição às práticas mágicas na Islândia do século XVII**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 1 de agosto de 2022.

Orientador(a)

Este trabalho é dedicado a todos e todas que tornaram esse
sonho possível.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer à universidade pública, que, ainda cheia de contradições, resiste na esperança de se tornar cada vez mais um centro de produção, preservação, compartilhamento, e disseminação democrática do conhecimento e de formação humanística.

Diante das inquietações que já afloravam com as ameaças ao futuro dos cursos de ciências humanas, expandiram-se e eclodiram manifestações por todo o país. Centros culturais, universidades, professores e pesquisadores de vários países se solidarizaram com os meios acadêmicos e diversos setores da sociedade, se uniram em defesa da universidade pública. Essas manifestações, que ressaltam o papel da Universidade, no Brasil e no mundo, no que se refere à produção do conhecimento nas artes e na ciência, assim como a autonomia acadêmica, encontram-se em plena sintonia com a proteção que a Constituição da República de 1988 confere à universidade pública. A defesa da educação e da universidade pública é a defesa da Constituição, é a defesa do futuro das novas gerações e da sociedade brasileira.

É importante, e justo, agradecer também a todos os professores que tive em minha vida. Mas, gostaria de agradecer, em especial, à professora Aline Dias da Silveira, por todas as oportunidades oferecidas e pela confiança investida em mim quando eu mais precisava. Entre todas as lições, orientações e muitas reuniões eu aprendi a me descobrir como uma historiadora e sei que me espelho em você para seguir a minha trajetória como professora e acadêmica. Hoje, posso dizer que além de tê-la como orientadora e uma mestra-guia, posso também contar com sua amizade.

Nesse mesmo sentido, preciso agradecer aos meus colegas do Meridianum UFSC. Cada um de vocês marcou definitivamente a minha história, felizmente de forma muito positiva, que com certeza levarei por toda a minha vida. Foram muitos momentos alegres, outros nem tanto, mas todos eles contribuíram imensamente para que eu crescesse profissionalmente e, sobretudo, pessoalmente. Quero agradecer por cada segundo dispensado comigo, por cada sorriso, por cada bom dia e principalmente pelo conhecimento compartilhado. Saio daqui com muito mais preparo e competência, mas o mais importante de tudo foram os amigos que fiz, a família nova que descobri. Esta despedida não significa um adeus, apenas o ultrapassar de mais uma etapa que espero que não afaste completamente as nossas vidas. Que o sucesso continue ao lado de cada um de vocês e a felicidade seja uma companheira assídua, assim como foi minha, durante todo o período em que trabalhei com vocês.

Gostaria de estender os agradecimentos ao professor Már Jónsson da University of Iceland, que gentilmente se disponibilizou a responder todas as minhas dúvidas, além de ter compartilhado seus trabalhos pessoais e a bibliografia em inglês utilizada nessa pesquisa. O professor Már teve uma participação significativa na construção desta monografia.

Cabe aqui agradecer aos professores do Departamento de História da UFSC que marcaram significativamente a minha trajetória ao longo do curso. Vocês foram pessoas que fizeram eu me apaixonar pelo conhecimento de forma irreversível. Minha gratidão aos professores Renata Palandri Sigolo, João Klug e Waldomiro Lourenço da Silva Júnior que me deram muito apoio durante cada encontro que tivemos seja em aula ou fora dela.

Gostaria de agradecer a minha amada Mãe, Leila Maria, que sempre me apoiou e me incentivou em todos os sonhos e ambições que tive, e que através de grandes sacrifícios pessoais sempre garantiu as condições necessárias para que eu me dedicasse inteiramente aos meus estudos. Nada teria conseguido sem seu o apoio moral, emocional e financeiro.

E como não poderia deixar de ser, agradeço ao Eduardo, meu companheiro, que é a melhor pessoa que eu poderia imaginar para, do meu lado, “descobrir os mistérios do mundo”. Juntos dividimos as angústias, momentos inacreditáveis e marcantes durante esses anos de faculdade. Hoje, o futuro parece uma aventura que eu mal posso esperar para compartilhar e conhecer contigo.

Nesses anos de estudos na universidade, os amigos foram aqueles que tornaram a carga da jornada mais leve e divertida. Um abraço forte às minhas grandes companheiras, que ingressaram no curso comigo, Julia Zaniboni e Sarah Olivares.

Agradeço também ao irmão que a vida me deu, meu querido amigo Gabriel Santos. Desde crianças estivemos juntos e nunca pude imaginar que a vida nos faria chegar à vida acadêmica juntos. Vou guardar com carinho todos os momentos e viagens que fizemos juntos.

Gostaria de fazer um agradecimento especial à minha querida amiga Luciana Cordova, que acompanhou minha trajetória acadêmica, e que durante esse processo sempre me estendeu a mão, me apoiou, chorou comigo, e agora nada mais justo que ela esteja compartilhando esse momento tão memorável.

Quero agradecer também às minhas amadas amigas Luana Arceno Petri e Patrícia Pauli, sou muito grata pelo apoio que vocês me deram nessa etapa de finalização do curso. Muito obrigada por poder compartilhar essa etapa da minha vida com vocês. Tivemos momentos inesquecíveis juntas e guardarei com carinho todas essas lembranças. Espero que mais lembranças igualmente inesquecíveis estejam guardadas para o nosso futuro.

Gostaria de agradecer à minha querida amiga Isadora Cunha. Sou muito grata por você ter estado ao meu lado durante esses dois últimos anos. Nunca imaginei, que a partir da organização de um evento acadêmico poderia sair uma amizade tão sincera quanto a que nós construímos. Espero que possamos organizar mais eventos juntas, e que finalmente venha o encontro presencial.

Quero agradecer também ao meu querido amigo, e parceiro de estágio, Weuler Azara. Foi uma feliz surpresa poder compartilhar esse momento de aprendizado contigo.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer aos meus queridos amigos do grupo de RPG, Curitiba *by Night*, mas em especial ao *storyteller* Eduardo Sátiro. Quero agradecer pela paciência, e principalmente, por não ter matado minha personagem, mesmo comigo desmarcando as sessões para poder me dedicar a essa pesquisa. Dedico esse trabalho a vocês.

“Words are, in my not-so-humble opinion, our most inexhaustible source of magic. Capable of both inflicting injury, and remedying it.” (Albus Dumbledore, at “Harry Potter and the Deathly Hallows)

RESUMO

A morte do padre Católico Jón Arasson, último representante da resistência contra a Reforma Protestante, marca o início de um novo ciclo para a Islândia: a chegada do Protestantismo. Em 1617, a Islândia recebeu a Ordenança de Feitiçaria assinada pelo rei dinamarquês Christian IV, estabelecendo medidas para eliminar aquilo que chamava de *abominações e provocações a Deus*. No entendimento do rei, fazer sinal da cruz, praticar exorcismos e a utilização de runas, são artes secretas que, mesmo que tragam saúde ou proteção, deveriam ser proibidas. Já os eruditos em tais artes, deveriam ser devidamente punidos. Mesmo nesses dias difíceis, a fé em práticas curativas através da utilização de magia ainda se manteve. É o que podemos encontrar em um grimório de magia produzido no período, o *Galdrabók* (livro de magia). A invocação de divindades nórdicas se une a orações para Virgem Maria e outras referências, como à cultura greco-egípcia, presentes em alguns dos 47 feitiços que foram compilados ao longo do período em questão. Com esta pesquisa busca-se entender quem foram esses indivíduos perseguidos. Será possível fazer recortes nessa perseguição, como por exemplo gênero ou posição social? Como o manuscrito, *Galdrabók*, manifesta a presença de entrelaçamentos transculturais na Islândia desse período? Para contextualizar os acontecimentos desse fenômeno foram analisadas fontes primárias, nominalmente, a Ordenança de Feitiçaria e a Lista de Executados. Além disso, destaco o desenvolvimento de perspectivas teóricas para compreensão do grimório *Galdrabók*, podendo citar o debate de *entrelaçamentos transculturais* a partir das leituras de Alexander Fidora, Aline Dias da Silveira, Matthias M. Tischler, Sonja Brentjes e Wolfgang Welsch, e a elaboração de uma metodologia para análise das fontes primárias, a partir da perspectiva de *hermenêutica imaginativa*, que visa construir um mosaico a partir das fontes, para assim compreender o fenômeno em sua totalidade. Essa proposta metodológica esteve apoiada na pesquisa desenvolvida pela professora Dra. Marcia Schuback. Os resultados dessa pesquisa apontam para a conclusão de que esses indivíduos perseguidos, em sua maioria, eram homens, com acesso à leitura e interpretação de textos, apresentando uma condição social acima da média numa sociedade economicamente pobre. Além disso, ao realizar a análise do *Galdrabók*, notamos que muito de seu texto continha tradições mágicas vindas do continente europeu, mostrando que havia a presença de uma circulação de conhecimentos que atingia a Islândia. Tal circulação pode ser resultado de estudos realizados no continente pelos filhos da aristocracia local, que ao retornar para casa, traziam consigo material mágico de diferentes culturas, sendo assim assimiladas pelos praticantes locais.

Palavras-chave: Islândia. Século do Fogo. Práticas mágicas. *Galdrabók*.

ABSTRACT

The death of Catholic priest Jón Arasson, the last representative of the resistance against the Protestant Reformation, marks the beginning of a new cycle for Iceland, the arrival of Protestantism. In 1617, Iceland received the Sorcery Ordinance signed by the Danish king Christian IV, establishing measures to eliminate what he called *abominations and provocations to God*. In the king's comprehension, making the sign of the cross, performing exorcisms and the use of runes are secret arts that should be prohibited, even if they bring health or protection, and scholars in such arts should be duly punished. Even in these difficult days, faith in healing practices through the use of magic still thrived. This is what we can find in a spellbook produced in the period, the *Galdrabók* (book of magic). The invocation of Nordic deities unites itself with prayers to the Virgin Mary and other references, such as the Greco-Egyptian culture, present in some of the 47 spells that were compiled over the period in question. With this research we seek to understand who were these persecuted individuals. Is it possible to make a profile off this pursuit, as in gender or social position? How does the manuscript, *Galdrabók*, manifest the presence of cross-cultural entanglements in Iceland of this period? In order to contextualize the events of this phenomenon, the primary sources Ordinance of Sorcery and the List of Executed were analyzed. Furthermore, I should highlight the development of theoretical perspectives for the comprehension of the grimoire *Galdrabók*, quoting the debate around cross-cultural entanglements off the study of Alexander Fidora, Aline Dias da Silveira, Matthias M. Tischler, Sonja Brentjes and Wolfgang Welsch, and the elaboration of a methodology for the analysis of the primary sources, from the perspective of imaginative hermeneutics that aims to build a mosaic from it, in order to understand the phenomenon in its entirety. This methodological proposal was supported by the research developed by Professor PhD Marcia Schuback. The results of this research point to the conclusion that these persecuted individuals, for the most part, were men with access to reading and interpretation of texts, showing an above average social condition, in an economically poor society. In addition, when analysing the *Galdrabók*, we noticed that much of its text contained magical traditions from the European continent, indicating that there was the presence of a circulation of knowledge that reached Iceland. Such circulation may be the result of studies carried out on the continent by the sons of the local aristocracy, who, upon returning home, brought with them magical material from different cultures, this material then being assimilated by local practitioners.

Keywords: Iceland. Fire Times. Magical Practices. *Galdrabók*.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - A Ordenança de Feitiçaria, Decreto do Rei Christian IV.....	26
Imagem 2 - Retrato do Reverendo Páll Björsson.	50
Imagem 3 - Feitiço 46, Runa de Peido.	59
Imagem 4 - Feitiço 23, “Contar cartas de jogar (que estão) deitadas com a face para baixo.”	60
Imagem 5 - Feitiço 11, “Contra o ódio e o veneno de adversários e inimigos.”	61
Imagem 6 - Feitiço 11, “Contra o ódio e o veneno de adversários e inimigos.”	62
Imagem 7 - Feitiço 23, “Contar cartas de jogar (que estão) deitadas com a face para baixo.”	62
Imagem 8 - Selos, Caracteres e Letras Divinas dos Planetas.	62
Imagem 9 - Feitiço 22, “Dias que trazem má sorte.”	64
Imagem 10 - Feitiço 45, “Um outro jeito de descobrir um ladrão.”	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CAPÍTULO UM.....	24
2.1	A Ordenança de Feitiçaria de 1617	26
2.2	O caso dos Jóns Jónsson de Kirkjuból.....	36
3	CAPÍTULO DOIS	52
3.1	Exemplos de <i>galdrastafir</i> presentes no <i>Galdrabók</i>	56
3.2	Diferentes tradições mágicas encontradas no <i>Galdrabók</i>	63
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
6	APÊNDICES	73
6.1	APÊNDICE A	73
6.2	APÊNDICE B.....	77
6.3	APÊNDICE C	78

1 INTRODUÇÃO

Acre. O cheiro de cabelo molhado por chuvas que não apagam fogueiras. A pele, até então moscada, enrugada-se pustulenta em bolhas inflamadas pelas labaredas da intolerância religiosa. O absurdo da contradição de perseguir, torturar, julgar e executar pessoas em nome de um deus que promovia amor e respeito. E, assim como esse mesmo deus pregava solidariedade, essas pessoas pregaram medo e horror, como romanos pregando profetas em cruzes. E essa deve ser a sua concepção sobre as caças às bruxas.

Em verdade, nada do que falei está errado, mas só porque fui bastante genérica, não determinando nada como absoluto. Sua mente deve ter preenchido lacunas onde não existem, como por exemplo: você deve ter imaginado mulheres nas fogueiras, quando homens também foram perseguidos e mortos.

Visões como as descritas acima, preenchidas por conclusões precipitadas que levam a afirmar que o processo de caças às bruxas foi um fenômeno puramente misógino, infelizmente, ainda são comuns entre os mais leigos leitores do assunto. Pode parecer óbvio, mas é importante ressaltar essas particularidades, pois temos, na contemporaneidade, uma ideia bastante excludente das caças às bruxas, como já mencionado.

Portanto, partindo do entendimento que o fenômeno da bruxaria na Europa possui condições específicas locais, com diferentes influências de antigas tradições mágicas e mitológicas próprias de cada região, a proposta desta monografia visa compreender os processos por perseguição mágica na Islândia do Século XVII pois, ao contrário da Europa Central, nas perseguições desse país periférico, as principais vítimas foram homens considerados bruxos.

É exatamente nessas periferias que encontramos evidências da presença de práticas e crenças específicas de suas próprias localidades. Através da análise das atas que descrevem as execuções promovidas nesse período, nota-se que o fenômeno se apresentou de maneira muito particular: entre as centenas de julgamentos ocorridos durante o *Século do Fogo*¹, apenas 22 foram condenados à morte, dentre esses executados encontra-se um desconhecido e o registro de uma única mulher.

Outra particularidade presente nesse país é a postura com que a legislação julgou as práticas mágicas presentes no cotidiano cultural da população daquele período. Encontramos

¹ A nomenclatura Século do Fogo é utilizada na historiografia islandesa para se referir ao período referente ao século em que houve o maior número de executados por bruxaria. O período em questão é o século XVII.

presentes na Ordenança de Feitiçaria de 1617 informações que mostram como determinadas práticas mágicas lidas como benéficas foram repensadas e entendidas como diabólicas, levando à perseguição e morte dos praticantes.

Há possíveis exemplos de práticas condenáveis, nesse período, em um grimório de magia intitulado *Galdrabók*. Nele, encontramos diversos círculos mágicos, encantamentos para evitar insônia e dores de cabeça, maneiras de encontrar ladrões, e também saber qual dia do ano será o menos auspicioso. Essa tradição mágica é muito particular do período conhecido como *later medieval and early modern Iceland*², que se refere à transição da influência do Catolicismo para o Protestantismo, o qual também se refere ao período de produção desse manuscrito.

Por esta fonte ser produzida durante a Reforma Protestante, encontramos uma série de elementos que unem diversas temporalidades: mesmo com o processo de cristianização e a chegada do protestantismo na Islândia, a religiosidade nórdica pré-cristã ainda se manteve presente na mentalidade social islandesa do século XVII.³ A invocação de divindades nórdicas se une a orações para Virgem Maria e outras referências, como à cultura greco-egípcia, presentes em alguns dos 47 feitiços que foram compilados ao longo do século em questão. O texto como conhecemos hoje foi concebido por quatro escribas diferentes. A relação transcontinental apresentada na fonte permite a análise do processo de conexão desses conhecimentos através da perspectiva de entrelaçamentos transculturais.

Diante desse contexto, esta pesquisa pretende verificar como práticas mágicas e as fontes que mostram a perseguição a essas práticas nos levam a entender os fenômenos socioculturais na Islândia do Século do Fogo. Quem foram esses indivíduos perseguidos? É possível fazer recortes nessa perseguição, como por exemplo gênero ou posição social? Como o manuscrito, *Galdrabók*, manifesta a presença de entrelaçamentos transculturais na Islândia desse período?

A Islândia é o berço de algumas das mais importantes e influentes Sagas Vikings, sendo natural o extenso montante de estudos historiográficos sobre o período em questão, a Idade Média. Contudo, é curioso que um país que exportou tantos debates sobre esse período não conseguiu na mesma medida chamar atenção para o restante de sua história, especialmente a Modernidade.

² O termo *later medieval and early modern Iceland* pode ser traduzido para a Islândia Tardia. Em tradução livre da autora.

³ Mentalidade social é o termo utilizado por Carlo Ginzburg para se referir de forma diferente ao conceito de cultura popular.

A justificativa para tal falta de interesse é bastante evidente: a Europa tende a se interessar pela história que só lhe convém, pela história que a pinta enquanto protagonistas excepcionais em um mundo passivo. Ora, do que mais o país serve do que como sustentáculo da herança desbravadora, guerreira, imponente, sábia e tantos outros adjetivos tão admirados por estes narradores “imparciais”?

A Islândia medieval se torna notável sendo pesadamente estudada, e mais importante, referenciada por tal potencial narrativo de suas sagas. Sendo outros casos de estudo desculpas muito mal escondidas de enaltecer sua própria ascendência. É lógico, que me refiro a uma parcela específica de estudos escandinavistas no mundo, havendo pesquisadoras e pesquisadores europeus que se distanciam de pesquisas tão enviesadas, mas é nestas horas que a periferia do mundo brilha. É necessário descolonizar a pesquisa para que novas perspectivas sejam postas no *spotlight*. Muito menos passíveis de bairrismos ingleses, franceses e germânicos.

As pesquisas da periferia almejam ser menos passíveis e imparciais, embora nem sempre tal objetivo seja alcançado. No Brasil, podemos destacar a atuação de alguns grupos de estudos importantes: A Revista Brathair (UFMA), o grupo LEM – Leituras da Escandinávia Medieval (UEL), a SIEN – Sociedade Iberoamericana de Estudos Nórdicos e o NEVE – Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (UFPB).

Apesar de não tratar especificamente de estudos escandinavos, a Revista Brathair merece destaque. Em 2001, o Brathair – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, criou a revista com o objetivo de fortalecer os estudos acerca dessas culturas no Brasil. O periódico recebe pesquisas em português, inglês, francês, espanhol, alemão e italiano, produzidos por profissionais das mais diversas áreas de conhecimento: história antiga e medieval, filosofia, filologia, antropologia, arqueologia, literaturas medievais e em línguas celtas, germânicas e latinas. A revista é publicada on-line para garantir que seu acesso seja mais abrangente.⁴

É importante destacar também as pesquisas realizadas pelo professor Dr. Renan Marques Birro, que produziu uma grande quantidade de artigos, capítulos e livros, publicações em revistas, além de participação em congressos e podcasts.⁵ O professor Birro integra a SIEN através do grupo LEM, grupo este dedicado a trabalhar com a Europa

⁴ Informações retiradas do site da própria revista. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/about> Acesso em: 4 de setembro de 2021.

⁵ Informações retiradas do currículo lattes do Professor Dr. Renan Marques Birro. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7210350209508802> Acesso em: 4 de setembro de 2021.

Setentrional durante a Idade Média.⁶ Também merece destaque a Sociedade mencionada: a SIEN fomenta a difusão de pesquisas em literatura nórdica antiga, em países de língua hispânica e portuguesa, das Américas, África e Europa.⁷

Igualmente importante, o laboratório de pesquisa NEVE - Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos existente desde o ano de 2010, apresenta um corpo acadêmico significativo dentro da historiográfica escandinavista brasileira. Anderson Pereira Batista (2020) em sua pesquisa sobre historiografia escandinavista brasileira, volta seu olhar para as produções desenvolvidas pelos integrantes do NEVE anos depois do seu surgimento. Entre os anos de 2013 e 2018, foram desenvolvidas nove dissertações de mestrado, e todas elas se voltam para os períodos católico e pré-cristão da história escandinava.⁸

Contribuições acerca do período posterior não são encontradas com facilidade. No Brasil, não há pesquisas ainda acerca da modernidade escandinava, e não foi encontrada nenhuma tradução ou estudo analítico sobre as fontes pesquisadas, se não as apresentadas aqui. Esta pesquisa se torna importante precisamente por incentivar estudos acerca destes períodos ainda pouco desenvolvidos no Brasil.

Vale ressaltar que toda essa pesquisa foi desenvolvida através do levantamento bibliográfico de textos em inglês e português que me auxiliaram no desenvolvimento da contextualização histórica desse tema. Procurar por textos mais atualizados acerca dos debates atuais demandaria leituras em dinamarquês e islandês, algo que atualmente não tenho acesso.

A outra justificativa talvez seja porque a historiografia europeia se debruça sobre o fenômeno da bruxaria a partir das evidências regionais. Por mérito numérico, muitos pesquisadores buscam explicar este a partir de um critério que apresenta como a perseguição ditou o que seriam os corpos femininos, sua reprodução ou a ausência dela, como por exemplo a autora de *Calibã e a Bruxa* (2004), Silvia Federicci. A esmagadora maioria dos acusados por bruxaria durante o início da Caça às Bruxas na Europa moderna eram mulheres,

⁶ Informações retiradas da página do Facebook do grupo LEM – Leituras da Escandinávia Medieval (UEL). Disponível em: https://www.facebook.com/LEMsocial/about/?ref=page_internal Acesso em: 4 de setembro de 2021.

⁷ Informações retiradas da página do Facebook da SIEN – Sociedade Iberoamericana de Estudos Nórdicos. Disponível em: https://www.facebook.com/Sociedad-Iberoamericana-de-Estudios-N%C3%B3rdicos-887157348005813/about/?ref=page_internal Acesso em: 4 de setembro de 2021.

⁸ É necessário entender que o período pré-cristianização corresponde aos séculos IX ao X, já o período chamado acima de católico, corresponde aos séculos X até a metade do século XVI; posterior a isso temos o período conhecido como Era da Reforma, designando-se a Reforma Protestante.

sendo elas 80% das acusadas, chegando a 96% em algumas regiões. O estereótipo da bruxa como mulher, portanto, tem mérito estatístico, mas não era o caso em todas as regiões.⁹

O exemplo contrário mais notável foi a Islândia, onde entre os anos de 1625 e 1683, apenas dez dos 121 julgamentos registrados tiveram como alvo mulheres. Enquanto apenas dois, com um em debate¹⁰, das 22 execuções conhecidas foram de mulheres. Tendo essa perseguição chegado à Islândia através da Dinamarca, onde 90% das bruxas acusadas eram mulheres, o que leva esse país a ter taxas tão baixas em relação a perseguição feminina quando comparado a caça às bruxas europeia é uma questão persistente.¹¹

Assim, a pesquisa em questão permite trazer à luz mais esse debate para a historiografia brasileira, contribuindo para as discussões que buscam compreender o fenômeno da bruxaria a partir de perspectivas de gênero. As evidências presentes nas fontes traduzidas para o português podem permitir que pesquisadores e pesquisadoras interessados tenham novas narrativas desligadas destas generalizações amplamente aceitas.

Além das lacunas anteriormente citadas, vale denunciar a existência de uma perspectiva cristã da história, que apesar de ser professada laica, desconsiderou as práticas reais e cotidianas de invocações a deuses pré-cristãos por todo o período medieval e posterior, colocando a Igreja-Cristã, como a grande vencedora evoluída perante as “superstições” silenciadas na história, mas vividas nas práticas culturais, tanto de uma elite como dos camponeses. Dessa forma, a atual pesquisa pretende desvencilhar-se destas perspectivas provincializadoras, generalistas e opressoras.

Para compreender o quadro traçado pela historiografia frente ao fenômeno que foi a perseguição às práticas mágicas na Islândia, faz-se necessário haver uma discussão sobre a presença da magia escandinava na sociedade islandesa. Será igualmente importante estabelecer qual o conceito da palavra islandesa *galdrastafir*, para isso irei me apoiar nas pesquisas de Kirsten Hastrup, Renan Marques Birro e Johnni Langer.

Há vestígios significativos da presença de uma pluralidade cultural de tradições mágicas em uma das fontes usadas nessa pesquisa, o livro de magia *Galdrabók*. Podemos entender essa pluralidade de conhecimentos presentes em um mesmo livro de magia através

⁹ MORRIS, Christopher. *A Spell Against Misogyny: Masculinity and Magic in Early Modern Iceland*. London: 2014. p. 1. Disponível em: https://www.academia.edu/8991467/A_Spell_Against_Misogyny_Masculinity_and_Magic_in_Early_Modern_Iceland. Acesso em: 5 de março de 2022.

¹⁰ Entre os debates sobre as condenações na Islândia, não existe consenso se essa segunda mulher foi executada, mas seu nome está nos registros de mulheres que foram julgadas.

JÓNSSON, Már. *Witchcraft and popular culture in Seventeenth Century Iceland*. Perdue University. 2019. p. 8.

¹¹ MORRIS; 2014: p. 1.

da discussão teórica de entrelaçamentos transculturais. Para compreender tal perspectiva, estou utilizando os teóricos Alexander Fidora, Aline Dias da Silveira, Matthias M. Tischler, Sonja Brentjes e Wolfgang Welsch.

Para compreender o panorama historiográfico acerca do tema de trocas transculturais, podemos iniciar a partir da pesquisa desenvolvida pelo historiador americano Charles Haskins, que levou em consideração que a *transferência de conhecimento* ocorria a partir da *tradução*. “Metodologicamente, o autor se concentrou apenas em textos. Conceitualmente, ele corroborou com a hipótese que durante o processo de tradução para o latim, os tradutores medievais resgatavam a filosofia, a medicina e outras ciências”.¹²

Contudo, a observação feita por Haskins privilegia a tradução como única atividade importante para a transferência de conhecimento.¹³ Nesse sentido, entre aqueles que sucederam as pesquisas de Haskins estão os trabalhos de Josep Maria Millàs Vallicrosa e Juan Vernet Ginés, que “(...) apontaram para a necessidade de vincular os estudos textuais às investigações da cultura material e incluir amuletos mágicos entre os objetos de transferência de conhecimento.”¹⁴

Contudo, a partir da década de 90, ocorreu uma mudança significativa na historiografia que tratava acerca desses temas: o início do período moderno foi incluído como uma importante área para os estudos de trocas transculturais de conhecimento.¹⁵ Dentre os pesquisadores interessados, Sonja Brentjes, conseguiu demonstrar que muitos dos primeiros estudiosos católicos e protestantes estavam interessados em adquirir uma grande variedade de objetos de conhecimento das sociedades islâmicas, tanto antiga quanto contemporânea, e para satisfazer esse interesse, esses grupos investiram recursos financeiros, materiais e pessoais.¹⁶

Em resposta às mudanças historiográficas sobre o período moderno, a primeira década do século XXI trouxe inúmeras perspectivas que contribuíram para pensar o fenômeno de trocas transculturais de conhecimento durante a Idade Média.¹⁷ Entre os pesquisadores que promoveram esse novo olhar para o tema, podemos citar: Alexander Fidora e Matthias M.

¹² Methodologically, Haskins focused on texts. Conceptually, he favored the idea that the medieval translators into Latin sought to recover ancient Greek philosophy, medicine and the sciences. Em tradução livre da autora. BRENTJES, Sonja; FIDORA, Alexander; TISCHLER, Matthias M. Towards A New Approach To Medieval Cross- Cultural Exchanges. *Journal of Transcultural Medieval Studies*, vol. 1, no. 1, 2014, p. 10.

¹³ BRENTJES; 2014: p. 12-13.

¹⁴ (...) pointed occasionally to the necessity of linking textual studies to investigations of material culture and included magical amulets among the objects of knowledge transfer. Em tradução livre da autora. BRENTJES; 2014: p. 14.

¹⁵ BRENTJES; 2014: p. 21.

¹⁶ BRENTJES; 2014: p. 22.

¹⁷ BRENTJES; 2014: p. 22.

Tischler. Essas novas perspectivas enfatizam questões relacionadas ao intercâmbio cultural existente em comunidades judaicas e entre acadêmicos judeus, islâmicos e católicos que atuavam em diferentes áreas.¹⁸

Esta combinação de antigas e novas visões, sobre quais recursos são relevantes para a compreensão dessas trocas de conhecimentos transculturais, indica que há uma massa crítica de estudiosos, e ideias, que estão disponíveis para construir uma nova perspectiva interpretativa rica em dados históricos, geográficos, culturais e sociais, sofisticado em seus fundamentos metodológicos e reflexivo em seus valores e técnicos analíticos.¹⁹

Em seu artigo intitulado *Mudança estrutural nas ciências humanas*: diagnósticos e sugestões* (2007), Wolfgang Welsch traz como conceito de cultura o questionamento atual que

O conceito tradicional de cultura, que operava com a imagem de culturas como esferas, ilhas ou mônadas, tornou-se descritivamente falso em razão dessa complexidade interna e interconexão externa das culturas atuais. A forma atual das culturas se encontra para além dessa constituição – por isso, eu a designo como “transcultural”.²⁰

A partir da definição de transculturalidade, podemos compreender como um conhecimento mágico que está em um grimório islandês se encontrou com diferentes saberes oriundos de diferentes regiões. Possivelmente, esses conhecimentos mágicos viajaram até a Islândia através de estudantes convidados a se reunirem nas escolas de tradução, ou por meio de filhos da aristocracia islandesa que saíam do país em busca de formação acadêmica no continente. De qualquer forma, esses conhecimentos se moviam, do continente para a ilha, e da ilha para o continente.

Esses conhecimentos seguem uma racionalidade distinta uma da outra, ora, foram produzidos a partir de diferentes pressupostos, mas isso não os impede de compartilhar uma mesma experiência. Esses diferentes pressupostos são o que o autor chama de *pluralidade radical*.²¹ Suas raízes são diferentes, mas ainda são experiências mágicas compartilhadas. É interessante notar a presença dessa pluralidade transcultural em uma região que consensualmente foi definida como homogênea.

Quem também concorda com as propostas de Wolfgang Welsch em relação à crítica feita sobre o conceito moderno de cultura não ser mais válido, é o medievalista alemão Michael Borgolte. Segundo a historiadora Aline Dias da Silveira, Borgolte vai além e

¹⁸ BRENTJES; 2014: p. 25.

¹⁹ BRENTJES; 2014: p. 30.

²⁰ WELSCH, Wolfgang. *Mudança estrutural nas ciências humanas*: diagnósticos e sugestões*. *Educação*, Porto Alegre/RS, n. 2 (62) p. 237-258, maio/ago. 2007. p. 252.

²¹ WELSCH; 2007: p. 245.

acrescenta “(...) que a velha integração ou separação das culturas deveria ser substituída pelo entendimento do enredamento ou entrelaçamento.”²²

Diante desse conceito, a proposta de Aline Dias da Silveira expõe que essa transculturalidade não se move de maneira circular, mas como múltiplos fios entrelaçados. Ao passo que a análise, ou estudo desses fios se propõe a puxar um, toda a teia se movimenta apresentando as conexões existentes entre os fios, das mais distantes, às mais próximas, evidenciando que essas relações se apresentam através de entrelaçamentos transculturais.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa estou utilizando três diferentes fontes produzidas no período: A Lista de Executados, a Ordenança de Feitiçaria de 1617 e o grimório *Galdrabók*. Essa seleção se faz necessária e possível: são fontes de curta extensão e que se relacionam em seus conteúdos. Tais fontes, no entanto, se encontravam em outro idioma, o inglês, mas foram anteriormente traduzidas durante a prática do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica PIBIC/CNPq UFSC, permitindo a possibilidade dessa pesquisa trazer resultados no período estipulado.

E como metodologia para alisar essas três fontes, estarei utilizando o trabalho desenvolvido pela pesquisadora Marcia Schuback em seu livro *Para ler os medievais: ensaio sobre a hermenêutica imaginativa* (2000). A autora propõe nesse ensaio uma hermenêutica imaginativa que busca reunir os pedaços daquilo que a modernidade convencionou chamar de Idade Média. Unir esses restos, pedaços, períodos, é construir um mosaico quebrado pela ruptura que determinava o entendimento moderno sobre a sociedade medieval.²³

Mas para entender aquilo que os indivíduos do passado *quiseram/tentaram* dizer, nós historiadores buscamos sentido naquilo que lemos. Fazemos isso relacionando esses vestígios ao seu contexto, e, ao longo desse processo, temos a necessidade de nos conectar com a fonte. Marcia Schuback chama esse processo de compartilhar a *experiência comum de humanidade*, entre aquele que está observando (quem lê o acontecimento) e que é observado (aquele que escreveu o que está sendo lido). Ao buscar essa conexão, o intérprete encontra um ritmo, a sintonia de tempo comum entre ambos, um hiato temporal criado através da leitura.²⁴

O historiador deve sentir e incorporar o sentido profundo das palavras que lê, assim essa *arqueologia das palavras* ultrapassa a decodificação da língua em que o texto foi escrito,

²² SILVEIRA, Aline Dias da. Política e Magia em Castela (século XIII): um fenômeno transcultural. *Topoi (Rio J.)* (Online), v. 20, n. 42, p. 604-626, set/dez. 2019. p. 608.

²³ SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais: ensaio sobre a hermenêutica imaginativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 15.

²⁴ SCHUBACK; 2000: p. 19-33.

e encontra o significado concreto de seus sentidos semânticos.²⁵ “A intenção é investigar a condição viva das questões medievais e desse modo introduzir as perguntas fundamentais”²⁶, nesse sentido podemos nos questionar como a dinâmica islandesa que levou a execução de 20 homens entendeu a participação feminina nesse contexto: Será que diferentes mulheres, por exemplo, as da Islândia, não encontraram formas de ficar mais preservadas devido a perseguição? Será que nessa região as práticas de magia não estariam mais associadas aos homens, por exemplo, fazendo com que o quantitativo de mulheres fosse reduzido?

A Islândia se desenvolveu tardiamente em comparação com outros países da Europa. Não seria prudente, então, fazer uma simples análise comparativa do fenômeno da caça às bruxas, na Europa ou Escandinávia, com os acontecimentos ocorridos na Islândia. Dessa forma, será necessário primeiro reconstruir um mosaico do fenômeno da perseguição no país a partir das três fontes analisada nessa pesquisa, antes de fazer qualquer comparativo, e esse é o objetivo dessa pesquisa.

²⁵ SCHUBACK; 2000: p. 33.

²⁶ SCHUBACK; 2000: p. 34.

2 CAPÍTULO UM

Islândia, 1550.

Após a morte do bispo Jón Arason, último representante da resistência contra a Reforma Protestante, foi dado início a uma nova etapa de conversão no país. Duas décadas antes, em 1537, o rei Christian III oficializou a religião Luterana como a pertencente ao reino da Dinamarca e Noruega, bem como todos os seus domínios, incluindo assim a Islândia. Essa ação gerou revolta criando resistências ao novo decreto. O bispo Jón Arason se tornou a voz mais notável da resistência contra a Reforma Protestante na Islândia. Em 1549, na cidade de Skálholt o bispo foi capaz de encorajar uma rebelião e construir fortificações em torno da sua Sé impedindo que o bispo, que iria lhe substituir, chegasse à igreja.²⁷

Apesar de seus esforços contra a Reforma, Jón Arason e seus filhos foram capturados por homens da realeza dinamarquesa em 1550. Nesse mesmo ano, eles foram condenados e executados na mesma cidade onde o bispo pregava, em Skálholt.²⁸ Esse evento marca o início da conversão a fé luterana.

Antes de começar a discussão desse capítulo, é importante estabelecer um termo para me referir aos praticantes de magia que serão as personagens principais discutidas ao longo do debate que será construído adiante. Portanto, quando for uma argumentação autoral, irei utilizar o termo “praticantes de sortilégios”²⁹, porém, quando a bibliografia de apoio utilizar terminologias como: feiticeiros, mágicos ou bruxos, irei manter o termo usado pelos autores.

Independente desse cenário de conversão, a presença de praticantes de sortilégios e a utilização de magia ainda esteve de certa forma presente no cotidiano social, mesmo que essas práticas não fossem aceitas pelas autoridades. No âmbito legal, a legislação lidava com os casos de bruxaria se baseando na antiga lei norueguesa de 1281 e na lei nacional norueguesa de 1274.³⁰

Dessa época, o único caso de acusação por bruxaria ocorrido durante a Idade Média, e que se assemelha aos casos no século XVII, é de uma freira que foi queimada na fogueira em

²⁷ ZARRILLO, Dominick. *The Icelandic Witch Craze of the Seventeenth Century*. The College of New Jersey. New Jersey. 2018. p. 22.

²⁸ ZARRILLO; 2018: p. 23.

²⁹ A escolha do termo praticantes de sortilégios advém da razão de que o termo “sortilégios” (do latim *sortilegium*) composto de *sortis* no sentido de destino/fortuna, indica que o mago ou o sacerdote reconhece que esses sortilégios são padrões do destino (normas) que ele compreende e pode assim prever a fortuna/destino.

³⁰ JÓNSSON; 2019. p. 2.

1344. Segundo relatos, ela se entregou ao Diabo em uma carta e desonrou a eucaristia jogando-a na fogueira, além de ter relações sexuais com homens.³¹

Já em meados do século XVI, dois padres foram pegos usando magia para seduzir mulheres: um deles em 1546 foi acusado de fornicção adúltera ilícita e magia diabólica; o outro, oito anos depois, por seduzir a filha de um padre por meio de magia. Há menção de que o padre acusado teria em sua posse livros que apresentavam feitiços. Segundo o professor Már Jónsson:

Ele foi sentenciado a pagar ao pai dela uma boa quantia pelo dano causado, e se ele não fizesse isso, suas duas orelhas deveriam ser cortadas. E se ele não pagasse uma multa ao rei, sua mão também seria cortada – mas isso era mais por causa da garota, não por conta da feitiçaria.³²

Sobre os relatos apresentados até aqui é necessário prestar atenção em alguns pontos. Os casos supracitados não atingiram proporções epidêmicas tal qual os casos de perseguição à bruxaria no continente europeu a partir do século XV. Devemos nos atentar que esses exemplos que ocorreram na Islândia, a freira no século XIV e os dois padres em meados do século XVI, ainda são eventos isolados e apenas uma dessas condenações levou a acusada a fogueira. De qualquer forma, ainda é preciso ter acesso as fontes que descrevem esses acontecimentos, para podermos entender melhor quais as circunstâncias que permeiam cada condenação.

Contudo, no final do século XVI, houve um intenso debate na Islândia sobre a execução de pessoas por crimes relacionados a incesto e adultério, porém, o tema bruxaria não aparece nessas discussões. A partir do ano de 1592, encontramos decretos da igreja que mostram que não havia pensamentos sobre execuções para supostos feiticeiros nesses contextos, eles apenas deveriam ser excomungados e açoitados.³³

Se nessa época não havia discussões sobre execuções para os acusados de bruxaria, por outro lado, no continente europeu a situação era outra. As execuções para os casos de bruxaria eram comuns no continente, e já atingiam proporções epidêmicas com dezenas ou centenas de pessoas, em sua maioria mulheres, perseguidas, torturadas, julgadas, acusadas e mortas.

³¹ O único registro sobre esse caso em específico foi encontrado no site institucional do Museum of Icelandic Sorcery. Disponível em: <https://galdrasýning.is/>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

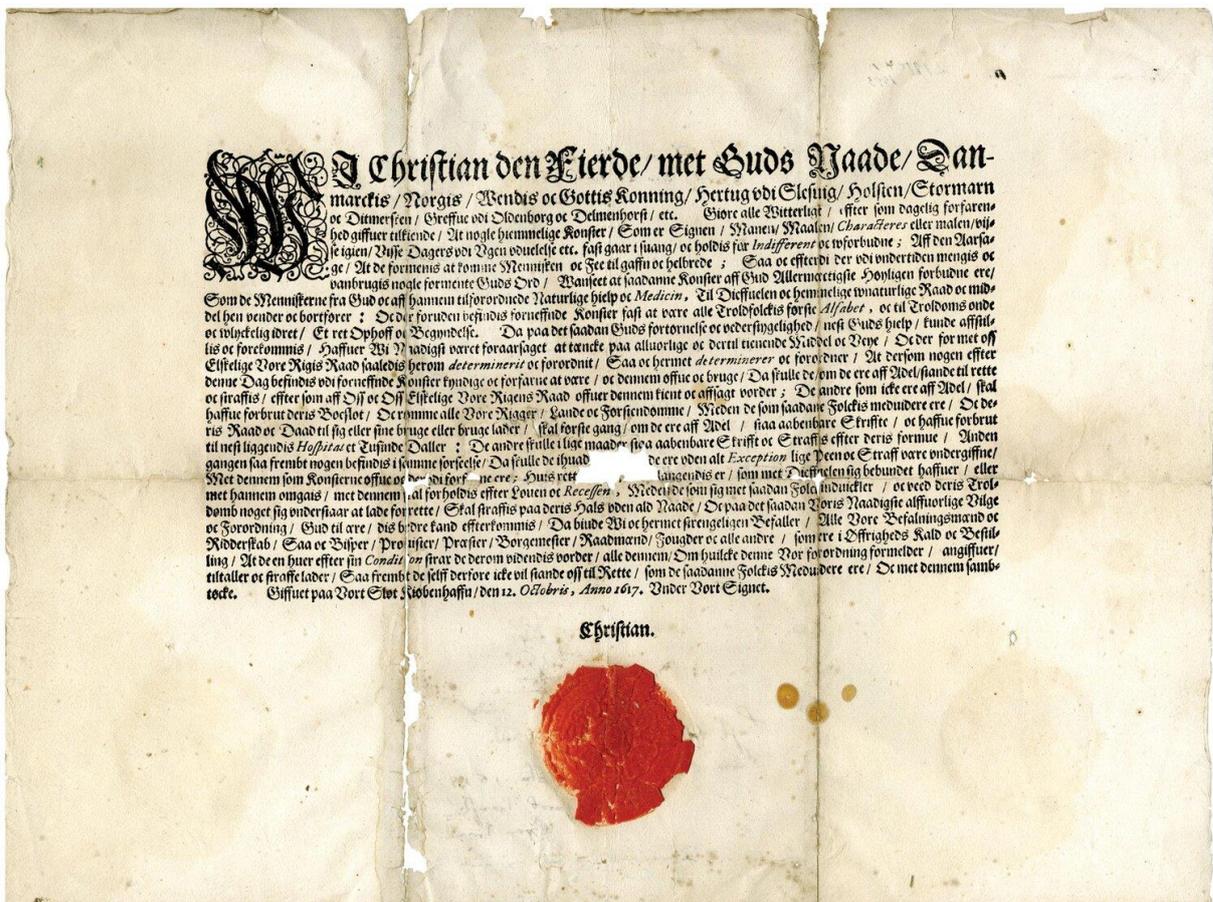
³² He was sentenced to pay her father a neat sum for the damage done, and if he would not do that, both his ears should be cut off. And if he would not pay a fine to the king his hand would be cut off too – but this was more because of the girl, not the sorcery. Em tradução livre da autora. JÓNSSON; 2019: p. 2.

³³ JÓNSSON; 2019: p. 3.

Trazendo alguns dados de alguns países que tiveram casos de bruxaria em sua história, temos a Dinamarca que durante a segunda metade do século XVI dezenas de condenados por bruxaria terminaram queimados, e a perseguição chegou ao seu ápice entre os anos de 1617 à 1625, mas continuou em um nível mais baixo até o final do século XVII. Na Noruega, as primeiras execuções por feitiçaria ocorreram na década de 1570 e o período mais intenso das perseguições foi entre 1610 e 1670. Na Islândia, as coisas evoluíram de forma diferente.³⁴

2.1 A ORDENANÇA DE FEITIÇARIA DE 1617

Imagem 1 - A Ordenança de Feitiçaria, Decreto do Rei Christian IV



Disponível em: <https://www.youngdigitaltreasures.com/digital-catalogue-continued/royal-decree-regarding-witch-hunt>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

No dia 12 de outubro de 1617, na cidade de Copenhagen, foi emitido um decreto, assinado pelo rei Christian IV. Seu título ficou conhecido por “A Ordenança de Feitiçaria”.

³⁴ JÓNSSON; 2019: p. 3.

Esse decreto definiu de maneira precisa quais seriam os crimes relacionados a feitiçaria. Veja abaixo o trecho referente ao decreto:

A experiência comum nos ensina que certas artes secretas - por exemplo fazer sinal da cruz, exorcismos, runas, sigilos mágicos, escolher certos dias da semana, revelar (bens roubados através de feitiçaria) – são predominantes e são considerados perdoáveis. A razão pela qual eles não são proibidos é que as pessoas que praticam tais artes sejam benfeitores reverenciados, capazes de restaurar a saúde para os seres humanos e também para o gado. Outra razão é que certas palavras das escrituras sagradas estejam muito comumente presentes em práticas desse tipo. Isso leva as pessoas a desconsiderar inteiramente o fato de que artes deste tipo são estritamente proibidas por Deus Todo Poderoso, pois conduzem os pobres seres humanos para longe de Deus e dos meios naturais de ajuda e cura que Ele ordenou, e para as clandestinas, não naturais maquinações e agências do Diabo. Além disso, as artes supramencionadas são o ABC de todos os feiticeiros; elas são o ponto de partida e a origem de seus nocivos e malfadados propósitos e compromissos. Portanto, na esperança de que, com a ajuda e a assistência de Deus, este tipo de abominação e provocação a Deus seja removida e eliminada, nós temos graciosamente aproveitado a ocasião para conceber medidas, procedimentos e métodos pesados para este fim.³⁵

Selecionei esse longo trecho do decreto, pois seria mais interessante lê-lo antes de dividi-lo em pequenas análises. Então, para garantir uma melhor compreensão irei separar a análise de tradução do decreto em quatro partes: a primeira define o que são as mencionadas “artes secretas”; a segunda irá se debruçar em quem são os praticantes de tais artes e como eles deverão ser punidos; a terceira separa praticantes eruditos dos “reais feiticeiros” e apresenta uma punição diferente para cada caso; e a última encerra o decreto intimando lideranças a denunciar e punir casos que envolvam essas práticas.

O decreto abre com a seguinte citação:

A experiência comum nos ensina que tais artes secretas – por exemplo fazer o sinal da cruz, exorcismo, runas, sigilos mágicos, escolher certos dias da semana, revelar (bens roubados através de feitiçaria) – são predominantes e são considerados perdoáveis.³⁶

³⁵ Common experience teaches us that certain secret arts – for example crossing oneself, exorcisms, runes, magical staves, picking out certain days of the week, revealing [stolen goods by sorcery] – are very prevalent, and are considered quite excusable. The reason they are not prohibited is that the people who practice such arts are revered benefactors, able to restore health to human beings as well as livestock. Another reason is that certain words of holy scripture very commonly occur in practices of this sort. This leads people to disregard entirely the fact that arts of this kind are strictly forbidden by almighty God, as leading poor human beings away from God and from the natural means of aid and healing that He has ordained, and into clandestine, unnatural machinations and agency of the Devil. Moreover, the aforementioned arts are the ABC of all sorcerers; they are the starting point and origin of their baneful and ill-fated purposes and undertakings. So, in hopes that by God’s help and assistance this kind of abomination and provocation of God may be removed and eliminated, we have graciously taken the occasion to devise a weighty means, procedure and method to this end. Em tradução livre da autora.

MAGNÚSSON, Jón. Appendix 2: Decree of King Christian IV. *And Though This World with Devils Filled: A Story of Sufferings*, trans. Michael Fell, vol. 236, American University Studies. Series VII, Theology and Religion (New York, NY: Peter Lang Publishing, 2007). 193-194.

³⁶ Em tradução livre da autora. MAGNÚSSON; 2007: p. 193-194.

A partir dessa citação é possível notar algumas afirmações feitas pelo autor: a primeira delas, e que chama bastante atenção, é que as duas primeiras artes secretas mencionadas são práticas que estão presentes no cristianismo católico. Podemos concluir que, segundo o autor, não haveria distinção entre fazer exorcismo e o sinal da cruz para com a utilização de runas, sigilos mágicos, usar feitiçaria para saber quais dias serão mais auspiciosos ou revelar um bem roubado.

Tais argumentações são muito características do início do período moderno. Segundo Stuart Clark, além das diferenças regionais marcantes nos perfis dos processos de bruxaria da Europa calvinista e católica, haviam divergências também na forma como essas mentalidades cristãs lidavam com o campo dos remédios contra bruxaria e demonismos em geral.³⁷

Mas a questão que ainda permanece é, o que as pessoas comuns deveriam fazer caso estivessem embruxadas? Os teólogos dessa época argumentam que as pessoas deveriam apelar para as proteções espirituais e morais da igreja (bem como a medicina disponível), porém, “os remédios para combater os demônios e a bruxaria eram os mesmos que a resposta a qualquer ameaça espiritual ou infortúnio físico, mudavam de natureza e quantidade segundo a igreja que os recomendava.”³⁸

Qualquer autor que prescrevesse uma cura eclesiástica envolvia-se necessariamente nessa polêmica, uma vez que essa estava no cerne do que dividia as duas fés. Em dado momento o decreto diz:

Isso leva as pessoas a desconsiderar inteiramente o fato de que artes deste tipo são estritamente proibidas por Deus Todo Poderoso, pois conduzem os pobres seres humanos para longe de Deus e dos meios naturais de ajuda e cura que Ele ordenou, e para as clandestinas, não naturais maquinações e agências do Diabo.³⁹

Dessa forma, os debates sobre remédios puramente espirituais oferecidos pelo protestantismo não só defendiam a eficácia da fé, da Palavra, do jejum e vigílias, como também, se tornavam denúncias da “idolatria” e “superstição” católica.⁴⁰ Stuart Clark conclui o capítulo mostrando que na maior parte das vezes, protestantes e católicos estavam desimpedidos para identificar essas práticas na igreja um do outro. “Chamarem uns aos outros de “bruxos” (...) identificava o que havia de tão ofensivo na fé do inimigo, bem como evocava o sentido de uma distância intransponível entre eles.”⁴¹

³⁷ CLARK, Stuart. *Pensando com Demônios: A Idéia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 660-664.

³⁸ CLARK; 2006: p. 664.

³⁹ Em tradução livre da autora. MAGNÚSSON; 2007: p. 193-194.

⁴⁰ CLARK; 2006: p. 665.

⁴¹ CLARK; 2006: p. 667.

Outro ponto interessante nessa primeira parte do decreto, é o trecho a seguir:

A razão pela qual eles não são proibidos é que as pessoas que praticam tais artes sejam benfeitores reverenciados, capazes de restaurar a saúde para os seres humanos e também para o gado.⁴²

Essa distinção entre praticantes benfeitores e malfeitores é um registro marcante da forma como a Dinamarca estava lidando com a magia popular tanto no âmbito legislativo quanto no religioso. É importante destacar que, a partir da Ordenança de Feitiçaria o entendimento popular sobre magia foi inserido aos tribunais dinamarqueses, algo que até então não estava presente na legislação do país. A definição de magia usada pelos tribunais era bem diferente da forma como a população dinamarquesa entendia tais práticas.

Para a legislação dinamarquesa, a magia nociva era chamada de feitiçaria, ou seja, toda prática mágica que pressupunha causar mal a alguém ou a algo pertencente a alguém era entendido como feitiçaria. Os procedimentos legais concentravam-se no dano físico que um feitiço havia causado na vítima. “Nesse sentido, os dinamarqueses abordaram o processo de magia de um ângulo prático, punindo os praticantes de magia maléfica pelos danos que causaram e não pelo uso da magia em si.”⁴³

Apesar da influência católica, que durante o período de conversão tentou minar as crenças populares pintando a prática mágica como ligada ao Diabo, a maioria dos dinamarqueses não via o uso de magia como uma ameaça inerente à comunidade. Pelo contrário, por gerações esses praticantes conviveram com a população dinamarquesa média e eles, por sua vez, valorizavam essas habilidades mágicas, pois garantiam cura para as doenças, proteção às plantações e ao gado e a garantia que a boa sorte recairia sobre toda a comunidade.⁴⁴

Essa perseguição somente se intensificou com o advento da Reforma Protestante. A Portaria de 1617 foi entendida pelo clero luterano como uma vitória dos seus intensos esforços para estabelecer o entendimento de que toda magia popular não passava de feitiçaria, que por sua vez, estaria amarrada ao Diabo. Mesmo com os protestos do conselho real, que

⁴² Em tradução livre da autora.

MAGNÚSSON; 2007: p. 193-194.

⁴³ Legal procedures for dealing with harmful magic focused on the physical damage that a charm had wrought on the victim. Em tradução livre da autora. ROBERT, Cole M., "förgörning to trolldom: A History of Danish Witchcraft and Magic" (2019). Honors Theses. p. 15. Disponível em: <https://digitalworks.union.edu/theses/2363>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

⁴⁴ ROBERT; 2019: p. 66.

via tal decreto como um movimento arriscado que poderia trazer pânico e um possível colapso do sistema jurídico, o decreto foi emitido.⁴⁵

Cole M. Robert não exclui a possibilidade que Christian poderia ter emitido tal decreto devido a algumas experiências pessoais vividas anos antes. Segundo o autor, em 1599, acompanhado de uma tripulação, o rei Christian IV navegou para o norte em direção a Vardø, em Finnmark, buscando livrar a área de piratas, inspecionar as condições da região e mostrar sua frota à Suécia. Ao longo da viagem vários acontecimentos estranhos ocorreram, e todos foram compilados por Rune Blix Hagen.⁴⁶

Na viagem de retorno a Copenhague, a frota foi pega em tempestades incomuns e severas que deixaram a maioria enjoada e preocupada com sua segurança. Eles tentaram conter a ira de Deus através de confissões e orações, mas sem sucesso. A explicação alternativa era que alguma força perversa estaria punindo-os, e seus olhos caíram sobre o estranho gato que um dos tripulantes havia roubado de uma mulher Sámi⁴⁷ em Kildin.⁴⁸

Sivert Grubbe, um dos secretários do rei, lembrou como a mulher Sámi perseguiu o tripulante pedindo que ele devolvesse o gato. Os membros da tripulação notaram que o animal era realmente incomum: sua pelagem era preta e longa e, como observou o primeiro imediato, era muito maior que os gatos dinamarqueses. A tripulação suspeitava que sua dona era uma feiticeira Sámi e o gato seria seu familiar⁴⁹, o que explicaria a ira da mulher quando o gato foi tirado dela.⁵⁰

Em 17 de junho, a tripulação acusou o gato, perante o rei, de causar tal situação durante a viagem, porém o rei falou em sua defesa. Aparentemente, Christian se divertia assistindo o bichano se balançar nas cordas do navio e pegando pássaros de vez em quando, demonstrando ter se afeiçoado ao gato. A tripulação mais tarde realizou um julgamento informal, durante a ausência do rei, e considerou o animal culpado de causar as tempestades que atormentaram a jornada. Assim, eles condenaram o gato a ser jogado no mar para se afogar por unanimidade de votos. Mais uma vez, no entanto, Christian interveio e emitiu um perdão real ao felino. O gato recebeu o perdão e não iria ser mais afogado, mas ao invés disso,

⁴⁵ ROBERT; 2019: p. 13.

⁴⁶ ROBERT; 2019: p. 32.

⁴⁷O povo lapão ou sámi constitui o grupo étnico nativo da Lapónia, um território abrangendo partes das regiões setentrionais da Noruega, Suécia, Finlândia e da península de Kola, na Rússia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lap%C3%B5es>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

⁴⁸ ROBERT; 2019: p. 33.

⁴⁹ Os familiares são encontrados em diferentes doutrinas mágicas, são espíritos que mudam de forma, geralmente se apresentam em forma de animais que auxiliam o praticante de magia na execução de feitiços e rituais.

GUILEY, Rosemary Ellen. *The Encyclopedia of Magic and Alchemy*. New York: Facts On File, Inc. 2006. 100.

⁵⁰ ROBERT; 2019: p. 33.

seria colocado em uma grande banheira abastecida com peixe e pão que seria deixada flutuar no mar revolto. Segundo os tripulantes que registraram a história, o dia seguinte foi lindo, com uma leve brisa do norte e um vento favorável.⁵¹

O rei, com base nas anotações de seu secretário, estava inclinado a acreditar que libertar o gato agradava Éolo e Netuno⁵², o que explicaria a mudança no clima. Além disso, ele considerou a possibilidade de o gato ter retornado a feiticeira e de que ela havia abençoado seu reinado, durante o qual Dinamarca-Noruega se transformaram em uma grande potência e Christian se tornou o monarca mais poderoso de sua época. Embora nesses registros Christian pareça não ter temido a feiticeira Sami nem seu gato, ele certamente acreditava em sua habilidade de praticar magia, além de sabermos que a essa altura o rei conhecia bem a diferença entre magia maléfica e magia benéfica.⁵³

O decreto continua da seguinte forma:

Com isso em vista, nós ordenamos e determinamos, junto com nosso querido Conselho de Estado, o seguinte: Se após este dia for descoberto que qualquer pessoa bem instruída e erudita na arte especificada acima, pratica-a, aplica-a e faz usos dela, então, se for de nascimento nobre, será processado e punido por isso de acordo com o que nós mesmos e nosso querido Conselho de Estado podemos decretar e impor. Mas se não for de nascimento nobre, perderá todas as suas posses e será exilado de nosso estado, todos os nossos domínios e todos os distritos sobre os quais temos jurisdição. Além disso, qualquer pessoa que for cúmplice de tais pessoas, que faz uso de seus conselhos ou ações, ou permite que sejam feitos uso deles para benefício próprio ou de suas posses – se forem nascidas nobre, tais pessoas devem, no primeiro delito, receber absolvição pública e fazer um pagamento de 1000 *rikisdalir* ao hospital mais próximo. Ou se não forem nobres, também devem receber igualmente absolvição pública e, como punição, pegar multa na medida do possível.⁵⁴

Essa segunda parte do decreto estabelece uma condição para aqueles que se encaixariam no perfil de quem pratica, aplica e faz uso dessas artes secretas. Note que o

⁵¹ ROBERT; 2019: p. 33.

⁵² Éolo na mitologia grega era o guardião dos ventos. Netuno corresponde na mitologia grega a Poseidon. Netuno representava os mares, oceanos e as correntes d'água, era filho de Saturno e controlava o universo ao lado de seus irmãos, Júpiter (céus) e Plutão (mundo dos mortos).

⁵³ ROBERT; 2019: p. 33-34.

⁵⁴ If after this day it be found that any person is well instructed and learned in the above specified art, practices it, applies it, and makes uses of it, then if they are of noble birth they shall be prosecuted and punished for this according to what we ourselves and our dear Council of State may decree and impose. But if they are not of noble birth they shall lose all their possessions and be exiled from our state, all of our dominions, and all the districts over which we have jurisdiction. Also, any persons who are accomplices of such people, who make use of their advice or actions or permit use to be made of them for the benefits of themselves or their household—if they are of noble birth such persons must, on the first offense, receive public absolution and make a payment of 1000 *rikisdalir* to the nearest hospital. Or if they are not of noble birth, they must likewise receive public absolution and as punishment must pay a fine to the extent that they are able. But those who for a second time are found to have committed such a crime, whoever they may be, will be subject to the same penalty and chastisement as the practitioners themselves who are learned in these arts and practices. Em tradução livre da autora.

MAGNÚSSON; 2007: p. 193-194.

decreto diz “(...) que qualquer pessoa bem instruída e erudita”⁵⁵, o erudito pressupõe estudo, leitura e não somente a experiência prática. O que fica evidente a partir desse vestígio é que a perseguição não buscava condenar uma feitiçaria *pagense* aos moldes *Malleus Maleficarum*, mas a uma prática mágica que somente determinados grupos sociais poderiam ter acesso. Como na Islândia não havia universidades, apenas escolas de tradução e formação eclesiástica, podemos concluir que esses indivíduos bem instruídos e eruditos em tais artes poderiam ser homens, que possuíam algum cargo eclesiástico e uma boa condição financeira.⁵⁶

O decreto também estabelece a forma como as punições ocorreriam. Elas seriam estabelecidas de acordo com a posição social dos indivíduos acusados. Note que aos que são nascidos nobre não há uma descrição exata do que seriam essas punições, mas para aqueles que não são de nascimento nobre a aplicação da punição é bem explícita.

Em relação a aqueles que estivessem envolvidos no crime, mas como cúmplices também receberiam uma punição, igualmente de acordo com sua posição social: aos nascidos nobres, receberiam uma absolvição pública e pagariam uma multa de 1000 *rikisdalir*⁵⁷ ao hospital mais próximo. Os não nobres também receberiam absolvição pública, porém pagariam uma multa de acordo com suas possibilidades financeiras.

Antes de encerrar o decreto, o rei destaca que:

(...) aqueles que pela segunda vez forem descobertos como tendo cometido tal crime, sejam eles quem forem, estarão sujeitos à mesma penalidade e castigo que os próprios praticantes que são instruídos nessas artes e práticas. No que diz respeito aos feiticeiros reais, que se constituíram sobre o Diabo a fim de se unirem em parceria com ele ou que são cúmplices dele – todos devem ser tratados de acordo com o devido processo legal. E aqueles que se colocarem nas mãos de tais pessoas, desejando e cobiçando a realização de alguns benefícios para os seus através das habilidades mágicas desses homens – devem ser mortos sem misericórdia.⁵⁸

⁵⁵ Em tradução livre da autora.

MAGNÚSSON; 2007: p. 193-194.

⁵⁶ R. C. ELLISON (1993) THE KIRKJUBÓL AFFAIR: A SEVENTEENTHCENTURY ICELANDIC WITCHCRAFT CASE ANALYSED, *The Seventeenth Century*, 8:2, p. 218. Disponível em; <http://dx.doi.org/10.1080/0268117X.1993.10555361>. Acesso em: 4 de setembro de 2021.

⁵⁷ O *rigsdaler* era o nome de várias moedas usadas na Dinamarca até 1875. Os nomes semelhantes *Reichsthaler*, *rikisdaler* e *rijksdaalder* foram usados na Alemanha e Áustria-Hungria, Suécia e Holanda, respectivamente. Essas moedas eram frequentemente anglicizadas como dólar-rix ou dólar-rix.

⁵⁸ But those who for a second time are found to have committed such a crime, whoever they may be, will be subject to the same penalty and chastisement as the practitioners themselves who are learned in these arts and practices. As regards genuine sorcerers, who have made themselves over the Devil to be joined in partnership with him or who are confederate with him—all such shall be dealt with according to due process of law. And those who put themselves into the hands of such people, desiring and coveting the realization of some benefits for their own people by the means of these men’s skill in sorcery—they shall be put to death without mercy. Em tradução livre da autora. MAGNÚSSON; 2007: p. 193-194.

O decreto estabelece que todos que forem denunciados, pela segunda vez, praticando tais artes secretas, a esses, sem distinção social, receberiam a mesma penalidade e castigo que os reais feiticeiros. Um indivíduo condenando por feitiçaria, segundo as leis dinamarquesas, receberia como pena desde reparação econômica por danos causados ou, em alguns casos, a pena de morte.⁵⁹ Infelizmente, não consegui encontrar evidências o suficiente de relatos que descrevessem casos de indivíduos que receberam pena de morte, dessa forma, não saberei informar quais critérios foram usados para diferenciar essas condenações.

Contudo, o que pude ter acesso foi a forma como os julgamentos aconteciam. Eles eram baseados em uma estrutura acusatória, e não inquisitorial, o que significa que um indivíduo acusado só poderia ser levado a um tribunal se houvesse uma suposta vítima para acusá-lo. Além da vítima, os juízes recebiam as evidências físicas coletadas de que o *malefícium* havia ocorrido, desconsiderando a crença do acusador de que aquele indivíduo que está sendo acusado estava praticando feitiçaria.⁶⁰

Dessa maneira, podemos concluir, a partir do que é estabelecido pelo decreto, que se existissem evidências o suficiente que mostrassem que um indivíduo esteve em parceria ou havia se unido ao Diabo, então ele ou ela seriam considerados feiticeiros e receberiam a pena de morte. Segundo o decreto, essa mesma pena seria aplicada a aqueles que fossem beneficiados pelos conhecimentos desses reais praticantes.

O decreto se encerra da seguinte forma:

Além disso, para que esta nossa graciosa e sincera vontade e decreto sejam mais eficazes, para a glória do Deus Todo Poderoso, por este meio ordenamos e prescrevemos estritamente todos os nobres e oficiais da lei, todos os bispos, reitores, padres, prefeitos, membros do conselho, *sýslumenn* (Em islandês: servidores civil), e todos que foram indicados e empossados para cargos de autoridade, como se segue: devem, individual e coletivamente, cada um de acordo com a sua posição, logo que souberem de casos previstos por esta, nossa carta, denunciar publicamente e punir os envolvidos, desde que estes não queiram ser julgados por ser acessório para esse tipo de gente e consentindo as suas maldades.⁶¹

A portaria se encerra com sua data de publicação, 12 de outubro de 1617. A essa altura o território islandês já havia se tornado parte integrante dos domínios de Christian IV.

⁵⁹ ROBERT; 2019: p. 15.

⁶⁰ ROBERT; 2019: p. 44.

⁶¹ Moreover, in order that this our gracious and earnest will and decree may be more effectual, to the glory of almighty God, we do hereby command and strictly enjoin all nobles and officials, all bishops, deans, priests, mayors, councillors (councilors), *sýslumenn* (Icelandic: civil servants), and all who have been appointed and commissioned to offices of authority, as follows: they should one and all, each according to his rank and position, as soon as they become aware of cases covered by this our letter, denounce them publically and have the culprits punished, provided that they do not wish to be prosecuted themselves for being accessory to people of this sort and consenting to their wickedness. Published at our palace, Copenhagen, 12 October 1617, Under our seal. Em tradução livre da autora. MAGNÚSSON; 2007: p. 193-194.

Contudo, apesar de já ter sido emitida, a Ordenança de Feitiçaria só passa a ser válida a partir de 1630, quando foi publicada no *Alþingi* anual.⁶² Antes de prosseguir com a recepção islandesa do decreto, é importante destacar que a Islândia no século XVII tinha uma organização social particular.

Assim como na Dinamarca, o protestantismo assumiu um papel muito ofensivo denunciando suspeitas de bruxaria em sermões dominicais para as congregações locais. A tentativa de infiltrar ideias centro-europeias de feitiçaria no imaginário da população islandesa, por um lado, trouxe diferenças marcantes na natureza dos julgamentos de supostos bruxos e bruxas, contudo, não haviam crenças como buscar marcas de bruxas em pessoas, ou, fazer o teste da água, esse tipo de perseguição não existiu nos procedimentos investigativos usados na Islândia.⁶³

Na ausência de uma teoria de feitiçaria quase todos os julgamentos foram baseados em acusações de *maleficium*, seguido de pressupostos semelhantes a outras partes da Escandinávia. As acusações mais comuns envolviam *maleficium* que causaram doenças/mortes de pessoas ou gado. Por outro lado, acusações que denunciavam o surgimento de tempestades ou que impediam a pesca eram menos comuns do que podemos imaginar.⁶⁴

O método de causar dano é o que recebe destaque nos registros dos casos: geralmente, as acusações dizem respeito ao uso de runas ou símbolos mágicos descritos como figuras escritas ou esculpidas. Apenas estar em posse desses itens era o suficiente para garantir um veredito de culpado, mesmo que essas runas e símbolos fossem destinados às práticas benéficas.⁶⁵

Além disso, em quatro dos vinte e dois casos considerados culpados, as denúncias partiram de acusações que diziam que os acusados praticaram necromancia. Segundo o Livro das Leis, *Jónsbók*, assim como o entendimento da população consideravam a prática padrão da feitiçaria: exumar e acordar um corpo morto a fim de mandá-lo para matar ou ferir seus inimigos. Esses envios, geralmente, eram vistos pela população como uma maldição familiar, acompanhando os descendentes da vítima original por gerações.⁶⁶

Sabemos que é a partir da anexação da Ordenança de Feitiçaria, em 1630, que a ideia de pacto com o Diabo passa a ter algum tipo de repercussão, mas ela raramente aparece nos

⁶² *Alþingi* é o Parlamento da Islândia é o órgão que detém o poder legislativo na Islândia. Fundado em 930, na região de Þingvellir, é o parlamento nacional mais antigo da história da humanidade.

ELLISON; 1993: p. 217.

⁶³ ELLISON; 1993: p. 219.

⁶⁴ ELLISON; 1993: p. 220.

⁶⁵ ELLISON; 1993: p. 220.

⁶⁶ ELLISON; 1993: p. 220.

processos de acusação. Dentre as pesquisas feitas por Ólafur Daviðsson, dos 121 julgamentos que o autor conseguiu rastrear, apenas dez eram de mulheres, oito eram contra padres, e um contra um Xerife (que mais tarde se tornou bispo), e haviam seis estudantes de escolas latinas que estavam “experimentando magia”, mas os bispos optaram por lidar com a situação como assuntos disciplinares internos. A maioria do restante dos acusados, cujo *status* é conhecido eram de agricultores, não de trabalhadores pobres ou mendigos.⁶⁷

Então, a ideia da Europa continental de bruxa, pobre, morando sozinha na periferia não existiu, pelo menos é o que os registros nos mostram. Essa ideia também pode ter sido desencorajada pela forma como as leis islandesas influenciavam na organização social dos indivíduos. O país era dividido em regiões, por exemplo aqui estamos falando de um evento que ocorreu nos Fiordes Ocidentais. Cada propriedade agrícola que fazia parte dessa região, era domínio de uma família, contudo, não necessariamente somente a família que detinha a posse dessa propriedade viveria nesse território.

As leis de *vistböndin* faziam com que todos vivessem em uma fazenda em alguma categoria designada. Uma senhora viúva ou uma mulher solteira, se tivesse alguma economia, poderia ser uma *húskona* (dona de casa) pagando seu próprio sustento (com ou sem ajuda de caridade), ou se ela estivesse apta a trabalhar seria uma *vinnukona* (trabalhadora doméstica) – o censo de 1703 lista uma série de mulheres trabalhadoras domésticas que tinham por volta dos setenta anos de idade. Se ela fosse uma pessoa sem posses, ela seria considerada uma *niðursetningur*, estando nessa situação ela seria designada para uma casa (fazenda) para ser mantida pela paróquia, uma caridade que não poderia ser evitada. Nessa época, somente as famílias mais ricas tinham o privilégio de possuir um quarto separado, as pessoas comuns e as que recebiam caridade compartilhavam um mesmo espaço, chamado de *baðstofa*.⁶⁸

Diante desse cenário, mesmo com a presença da Portaria de 1617, os procedimentos judiciais continuaram seguindo as diretrizes islandesas: a instituição de compurgação. Em casos em que não existiam provas incontestáveis, apenas a palavra do denunciante contra a do acusado, este tinha o direito de jurar sua inocência, através de “testemunhas de juramento”. A título de comparação, um caso menor como os processos de paternidade necessitava de um juramento com seis testemunhas.⁶⁹

⁶⁷ ELLISON; 1993: p. 219.

⁶⁸ ELLISON; 1993: p. 220.

⁶⁹ ELLISON; 1993: p. 221.

De acordo com o Livro das Leis, *Jónsbók*, o acusado deveria apresentar onze apoiadores (sendo o acusado o décimo segundo) de *status* igual ou superior ao dele. Todos deveriam estar com a reputação ilibada e não ser conhecidos por prestar falso testemunho. As testemunhas deveriam estar bem informadas sobre o caso, mas não poderiam ter nenhuma relação com o acusado, nem ter associação com o crime. Apesar disso, não haveria impedimentos caso as testemunhas fossem vizinhas. Desses onze, sete tinham que jurar que acreditavam no juramento de inocência, outros quatro, chamados de *fangavotta*, deveriam jurar que o devido processo legal havia sido exercido por aquele tribunal.⁷⁰

Porém, no século XVII a instituição de compurgação havia sido alterada, e segundo os registros, não havia consistência na forma como o sistema de testemunhas funcionava. Por exemplo, em muitos dos casos quem escolheu as testemunhas de julgamento foi o tribunal, e não mais o acusado. E as testemunhas tinham que escolher por jurar a favor ou contra o acusado. Além disso, o acusado não fazia mais parte das doze testemunhas de juramento.⁷¹

Essa instituição também permitiu que as autoridades, em casos que prosseguir com a condenação seria embaraçoso, geralmente aqueles em que um clérigo foi acusado ou defendeu o acusado, encontrassem desculpas para desconsiderar o juramento e encaminhar o caso a um painel diferente de testemunhas, muitas vezes depois de vários meses de atraso.⁷²

Para compreender de maneira mais detalhada como esse sistema funcionava, a melhor forma é examinar o único caso bem documentado: dos dois Jón Jónsson de Kirkjuból. Do caso, existem transcrições incompletas da primeira audiência, várias cartas relevantes, o relatório do julgamento e as deliberações de um painel constituído para avaliar a riqueza dos acusados e os danos a serem pagos à vítima. Além desses registros, o pároco que acusa os Jóns, sr. Jón Magnusson (1610-1696), escreveu um relato vívido e detalhado do caso a partir de sua própria perspectiva, discutível, incorporando a maioria dessas transcrições.⁷³ Infelizmente, não tive acesso a esses registros, mas estou utilizando a pesquisa feita por R. C. Ellison que analisa especificamente o caso da família Jónsson e seus desdobramentos.

2.2 O CASO DOS JÓNS JÓNSSON DE KIRKJUBÓL

O cenário onde o caso aconteceu foi na fazenda Kirkjuból, localizada na cidade de Ísafjörður extremo noroeste da Islândia. O acesso para a fazenda era possível tanto por terra

⁷⁰ ELLISON; 1993: p. 221.

⁷¹ ELLISON; 1993: p. 221.

⁷² ELLISON; 1993: p. 221.

⁷³ ELLISON; 1993: p. 222.

quanto por água na maior parte do ano. Kirkjuból era uma das fazendas mais bem avaliadas da região. Àquela altura, a unidade de medida utilizada para fazer a medição de quanto cada propriedade valia eram feitos utilizando a unidade de medida centenas. Até onde foi possível pesquisar, a classificação das fazendas permaneceu inalterável por gerações. Segundo o registro de terra de Arni Mágnusson (1710) a fazenda Kirkjuból foi avaliada em 30 centenas.⁷⁴

Uma das razões para a boa avaliação dessa propriedade era que nela havia uma igreja, onde os cultos aconteciam ocasionalmente realizados por um padre de outra fazenda vizinha, Eyri. A igreja era propriedade dos donos da fazenda, que eram responsáveis por sua manutenção, em troca, eles pagariam a metade do dízimo cobrado aos fiéis.⁷⁵

Além da família Jónsson, Kirkjuból era compartilhada com as famílias de outros dois fazendeiros: Snæbjörn Pálsson e Sturli Bjarnason. Perante a comunidade os Jóns Jónsson tinham um elevado *status*, pois possuíam o cargo de guardiões da igreja.⁷⁶ Além disso, a comunidade também tinha conhecimento que ambos eram praticantes de magia curativa, uma função muito necessária, devido ao fato de que não haviam muitos médicos nessa região do país.⁷⁷

O acusador dos dois Jóns foi Jón Magnússon o pároco (luterano ortodoxo) da igreja de Eyri desde 1643. No ano de 1655, Jón Magnússon casou-se com a viúva de outro pastor, desde então sua família passou a ser: seus dois enteados (uma mulher e um homem, ambos adultos) e seu filho pequeno.

Uma informação importante a ser mencionada, é que poucos meses antes do processo contra a família Jónsson ser iniciado, Jón júnior havia pedido a mão da enteada de Jón M. em matrimônio, mas o pároco recusou. Havia rumores de que Jón júnior cometia fraudes fiscais, que o rapaz declarava apenas $\frac{1}{4}$ de sua riqueza total, além de desviar dinheiro das doações do dízimo e pagamento de impostos.⁷⁸ Além da garota ser decente de gerações de bispos, colocando-a em um *status* superior ao de Jón júnior, mesmo ele sendo filho de um fazendeiro próspero, também não seria inteligente sua família permitir que tal rapaz a cortejasse diante de tais acusações.

⁷⁴ ELLISON; 1993: p. 222.

⁷⁵ ELLISON; 1993: p. 223.

⁷⁶ ELLISON; 1993: p. 223.

⁷⁷ ELLISON; 1993: p. 224.

⁷⁸ ELLISON; 1993: p. 224.

Segundo os registros, o caso contra os Jónsson começou oficialmente no dia 20 de outubro de 1655, quando Snœbjörn Pálsson foi a fazenda em Eyri para pedir a Jón Magnússon que fizesse um serviço de comunhão no dia seguinte em Kirkjuból. Era comum convidar o pároco para na noite anterior ao culto pernoitar na fazenda, pois pela manhã seria possível que o padre ouvisse as confissões dos fiéis.⁷⁹

O tempo estava tempestuoso, então Jón Magnússon convenceu Snœbjörn a concordar com o adiamento do culto em uma semana, mas mudou de ideia quando deus lhe disse que fosse imediatamente para enfrentar o que estava por vir. Durante a noite, em Kirkjuból, ele foi afligido por sensações de cócegas nas pernas como se um rato estivesse correndo sobre elas, imediatamente identificou isso como um ataque demoníaco, visto que há sete ou oito anos sensações semelhantes o haviam afligido por cinco ou seis semanas, até que ele exorcizou o espírito maligno em nome de deus.⁸⁰

No dia seguinte, o 19º domingo depois da Trindade, Jón Magnússon falou com seu rebanho sobre o pecado de negligenciar o culto na igreja paroquial, com referência particular a Jón júnior que foi visto duas vezes visitando os dinamarqueses durante o tempo que deveria estar se dedicando ao serviço paroquial. Nesse mesmo dia, uma frequentadora da igreja, Ásta Narfadóttir, acusou Jón júnior de tê-la socado na cabeça, o que ele negou categoricamente, embora tenha admitido ter empurrado a mulher e concordado em pedir desculpas diante da comunidade. Jón sênior ficou tão aborrecido com essa ridicularização de seu filho na frente de todos os vizinhos que usou, segundo o diário de Jón Magnússon, “linguagem estranha e não cristã” o que lhe rendeu também uma reprimenda pública. Mesmo que Jón M. tenha terminando aquele dia dando o perdão divino a Jón sênior e finalizado o culto com a comunhão, ele ainda foi capaz de afirmar que todos os males sofridos por ele, foram subsequentes e derivavam do ressentimento que os Jónsson cultivaram após esse dia.⁸¹

Os ataques de feitiçaria a Jón M. continuaram a se repetir todas as noites ao longo da semana deixando-o doente e exausto. O método utilizado pelo pároco para combater esses demônios era através de vigílias e orações feitas por ele e sua família. Aos domingos, enquanto ainda era capaz de realizar cultos, Jón M. pregava contra a feitiçaria, ilustrando em seus sermões relatos vívidos de seus sofrimentos, de modo que seus paroquianos começaram a relatar sensações de queimação, congelamento ou formigamento. Alguns que eram mais suscetíveis desmaiavam e um número surpreendente de pessoas relatou ver demônios na

⁷⁹ ELLISON; 1993: p. 224.

⁸⁰ ELLISON; 1993: p. 224.

⁸¹ ELLISON; 1993: p. 225.

forma de cães, mariposas, moscas (alguns com garras e caudas longas) e, eventualmente, nas formas dos dois Jóns Jónsson.⁸²

Em 4 de novembro de 1655, Jón júnior, em seu papel como guardião da igreja, apertou a mão do padre da maneira usual no final do culto, contudo, após o aperto de mão Jón M. relata que sentiu uma sensação de queimação no local que o levou a esfregar a mão várias vezes na ponta de um banco até desvanecer; alguns dias depois, ele desenvolveu fraqueza e dor na mesma mão e punho, de modo que foi forçado a comer com a mão esquerda.⁸³

Depois disso, os ataques demoníacos aumentaram até que a esposa de Jón M. ficou desesperada. Ela fez o marido dormir em outras camas, no chão, na igreja e até mesmo em uma barraca, mas ele ainda sentia demônios rastejando por cima dele como ratos. Com toda a casa em estado de pânico, o pároco decidiu, pouco antes do Advento, procurar a ajuda da lei.

Ele partiu para a cidade de Suðavík no fiorde seguinte, onde vivia seu amigo Þorlákur Arason, que era um dos representantes do tribunal superior. Quem também o estava visitando era o xerife Magnús Magnússon (1630-1704), a quem Jón contou os detalhes de sobre os acontecimentos.⁸⁴

O xerife Magnús, que tinha apenas 25 anos e estava no cargo há dois, até aquele momento nunca havia sido confrontado com um caso assim e estava muito relutante em agir. Magnús, de fato, detinha apenas metade da autoridade de xerife em Ísafjarðarsýsla, compartilhando-a com o mais experiente Þorleifur Kortsson (1620-1698), que também detinha metade do cargo no condado mais próximo a leste, Strandasýsla. Þorleifur havia nomeado seu cunhado, o deputado Gísli Jónsson, que também era tio de Magnús, como seu vice em Ísafjarðarsýsla, e foi a ele que Magnús procurou em primeira instância.⁸⁵

Satisfeito com o que havia conseguido até então, Jón M. retornou para casa, onde descobriu que sua missão, que até então era um segredo, havia sido descoberta, e um amigo dos Jónsson havia espalhado pela comunidade que o pároco teria viajado com a finalidade de procurar as autoridades. Ele, portanto, esperava que os ataques aumentassem, e segundo ele, assim aconteceu. Enquanto isso, o xerife Magnús e o deputado Gísli foram rápidos em emitir uma intimação para os Jónsson, com um lembrete, conforme exigido pela lei, indicando que

⁸² ELLISON; 1993: p. 225.

⁸³ ELLISON; 1993: p. 226.

⁸⁴ ELLISON; 1993: p. 226.

⁸⁵ ELLISON; 1993: p. 227.

ambos deveriam comparecer perante um tribunal especialmente convocado em Eyri, em 14 de dezembro de 1655 para averiguação das acusações feitas por Jón Magnússon.⁸⁶

O pastor não estava suficientemente satisfeito com a forma como a lei estava lidando com a situação. Para ele, o xerife Magnús deveria ter abordado os acusados durante a noite em Kirkjuból, os acorrentado e revistado seus pertences antes que eles pudessem esconder ou destruir qualquer evidência. Apesar de insatisfação de Jón M., as autoridades o levaram suficientemente a sério, pois pediram emprestado o carrasco do condado vizinho, já que na cidade de Ísafjarðarsýsla não havia nenhum: eles dificilmente poderiam esperar concluir a audiência, pois se a bruxaria fosse confessada, o carrasco seria necessário para administrar a punição devida nesses casos: açoite.⁸⁷

O resultado da investigação na casa dos Jónsson, que cobriu toda a fazenda, foram algumas folhas soltas que pareciam “feias e muito provavelmente mágicas” e uma única folha de couro de bezerro na qual haviam “letras e caracteres grandes e simples”. Estes foram encontrados no leito do doente Snæbjörn Pálsson, evidentemente foram deixados lá como magia de cura, e não havia nada que conectasse esses itens diretamente aos dois Jón Jónsson.⁸⁸ O depoimento do vizinho dos Jónsson, Snæbjörn Pálsson, não foi coletado nem durante as investigações, nem em tribunal, devido à condição enferma que o homem se encontrava. Porém, segundo o que Jón M. afirma em seu livro, a mudança de expressão de Jón sênior quando as páginas foram exibidas no tribunal foram o suficiente para convencer Gísli de que os Jónsson deveriam ser mantidos acorrentados em vez de serem mantidos soltos até a próxima audiência.⁸⁹

Durante a primeira audiência que ocorreu na igreja de Eyri, Jón Magnússon, que cambaleou com dificuldade pela a igreja e teve que se deitar em um dos bancos a intervalos, acusou formalmente os Jónsson de bruxaria, apresentando as seguintes evidências⁹⁰:

1) ‘Que o Diabo se mostrou na forma de Jón Jónsson sênior de Kirkjuból e de seu filho Jón júnior’. 2) ‘Egill Pálsson declarou que seu filho de 10 anos, desprevenido, havia dito, e ainda dizia, que tinha visto a aparição desses homens, uma vez os dois juntos, ora um, ora outro.’ 3) Jón Magnússon alegou que toda vez que o pai e o filho mencionados vinham à igreja, parecia tanto para ele quanto para sua família (como eles confirmarão) que os ataques aumentavam em força e frequência, de modo que ele começou a temer a chegada dos dois homens.’ Jón Magnússon se ofereceu para fazer seu juramento sobre isso diante de seus superiores espirituais. 4) Jón Magnússon exigiu também que houvesse investigações acerca do que Ólafur

⁸⁶ ELLISON; 1993: p. 227.

⁸⁷ ELLISON; 1993: p. 227.

⁸⁸ ELLISON; 1993: p. 228.

⁸⁹ ELLISON; 1993: p. 228.

⁹⁰ A data de início da primeira audiência não foi encontrada nos registros que tive acesso.

Sigmundsson, Ásta Narfadóttir (que acusou Jón júnior de socá-la) e Björn de Engidalur poderiam testemunhar sobre as ameaças de Jón júnior contra ele, mas todos os três negaram conhecimento dessas denúncias.⁹¹

Seguindo um precedente estabelecido na decisão de 1631 do *Alþingi*, o xerife e seu vice declararam que os dois Jón Jónsson deveriam ter a oportunidade de limpar seus nomes através das testemunhas de juramento. O tribunal nomeou sete das testemunhas, deixando os Jónsson encontrarem mais quatro. O juramento deveria prosseguir da seguinte maneira:

Eles colocarão suas mãos sobre o Livro Sagrado e declararão a Deus Todo-Poderoso que vocês dois não causaram nem por feitiçaria, nem por runas ou símbolos esculpidos, por encantamento ou qualquer outro método, perdas, danos a qualquer pessoa na alma ou consciência, corpo ou membros, posses ou riqueza, e muito menos ao nosso pastor, o senhor Jón Magnússon, nem obteve ou em conluio com qualquer outro para causar dano a ninguém, e que você nunca aprendeu nem praticou magia, runas ou esculturas; e ao fazer o juramento assim prescrito, que Deus os ajude.⁹²

Na ausência de testemunhas de juramento imediatas, foi declarado que os Jónsson deveriam jurar sua inocência na reunião regular de primavera do tribunal local logo após a Páscoa, e que, entretanto, era inapropriado que Magnús e Gísli os prendessem. O tribunal também declarou sua intenção de encaminhar o caso ao *Alþingi* e ao bispo de Skálholt.⁹³

Tendo a justiça encerrado a audiência, feito os encaminhamentos necessários e o padre Jón M. permanecido uma noite tranquila na casa paroquial de Eyri, as autoridades partiram. Na noite após a partida, Jón Magnússon se viu novamente sofrendo os tormentos do inferno. Diante dessa situação, o padre foi transportado, no meio da noite de dezembro, para

⁹¹ 1. 'That the devil had shown himself in the image, form and shape of Jon Jonsson senior of Kirkjuból and of his son Jón junior.' Three of his household confirmed this but were ruled out because all were related to Jón by blood or marriage. 2. 'Egill Pálsson declared that his 10-year-old child, unprompted, had said and still said that he had seen the apparition of these men, once both together, and otherwise now one, now the other.' 3. Jón Magnússon says that every time the aforesaid father and son came to church it seemed both to him and to his household (as they will confirm) that the attacks increased in force and frequency, so that he began to dread their coming.' Jón Magnússon offered to take his oath on this before his spiritual superiors. 4. Jón Magnússon demanded investigation of what Ólafur Sigmundsson, Ásta Narfadóttir (who had accused Jón junior of punching her) and Björn of Engidalur could testify concerning Jón junior's threats against him, but all three denied knowledge of them. Em tradução livre da autora.

ELLISON; 1993: p. 228-229.

⁹² They shall lay their hand on the Holy Book and declare to Almighty God that you two have neither by witchcraft nor sorcery, by runes nor carved characters, by incantation nor any other method, caused loss, nor damage, nor harm to any person in soul or conscience, body or limbs, possessions or wealth, and least of all to our pastor sira Jon Magnusson, nor have procured from or in collusion with any other to have harm done to any, and that you have never learned nor practised magic, runes or carvings; and in swearing the oath so prescribed may God help them. Em tradução livre da autora.

ELLISON; 1993: p. 229.

⁹³ ELLISON; 1993: p. 230-231.

Arnardalur para alcançar o xerife Magnús, de quem o padre exigiu uma busca imediata em Kirkjuból por evidências que justificassem uma nova prisão aos Jónsson.⁹⁴

Jón não descansou até conseguir prender os Jónsson ou até uma segunda audiência ser marcada. Das muitas tentativas feitas por ele para convencer as autoridades de mudar o veredito, uma ocorreu quando o xerife Magnús o visitou depois do Natal, que estava na região principalmente para verificar os armazéns dos comerciantes dinamarqueses, cujas chaves lhe foram confiadas, mas o xerife se recusou a alterar a decisão do tribunal.⁹⁵

Depois de ter sido mal sucedido na conversa com o xerife Magnúss, Jón M. enviou seu enteado até Hrútafjörður para apelar ao xerife Þorleifur, mas ele se desculpou por não agir naquele momento. O pároco considerou apelar ao *lögmaður*⁹⁶ e ao bispo, mas foi derrotado devido à distância: mesmo no verão, considerava-se dezesseis ou dezessete dias de viagem até a sede do bispo em Skálholt – não haviam estradas, e a única ponte feita pelo homem no país havia sido varrida em 1625 e não foi substituída até 1672.⁹⁷

Enquanto isso, os Jónsson tentavam encontrar apoiadores, mas sem muito sucesso, pois a instituição de compurgação exigia que as testemunhas jurassem que os acusados nunca haviam praticado nem mesmo magia benéfica, o que todos sabiam que ambos eram conhecedores e praticantes.⁹⁸

A partir das viagens feitas por Jón júnior em busca de apoiadores, correram boatos que ele pretendia fugir até a data do novo julgamento, diante desses rumores, Jón M. escreveu uma carta para o xerife Magnússon pedindo a imediata prisão dos Jónsson. Também haviam rumores que pai e filho iriam resistir ao mandado de prisão, pois era de conhecimento da comunidade que o mais jovem tinha em sua posse um mosquete. A arma serviu apenas para pagamento de impostos atrasados e multas no valor de “cem”, mas quando o destacamento chegou ambos os homens se renderam sem resistência.⁹⁹

Sobre o segundo julgamento, o registro do tribunal apresenta que ele teve seu início dia 9 de abril de 1656, na fazenda Eyri, localizada no fiorde Skutulsfjörður. Estavam reunidos em assembleia formalmente convocada os seguintes nomes que foram escolhidos pelos xerifes Þorleifur Kortsson e Magnús Magnússon, para compor o júri:

⁹⁴ ELLISON; 1993: p. 230-231.

⁹⁵ ELLISON; 1993: p. 230-231.

⁹⁶ O termo em islandês *lögmaður* pode ser traduzido por: homens da lei, uma espécie de promotor de justiça.

⁹⁷ ELLISON; 1993: p. 230-231.

⁹⁸ ELLISON; 1993: p. 230-231.

⁹⁹ ELLISON; 1993: p. 232.

Þorlakur Arason (membro do Supremo Tribunal), Gísli Jónsson, Snæbjörn Torfason, Brynjólfur Bjarnason, Guðnundur Þorsteinsson, Jón Ólafsson [Indíafari]¹⁰⁰, Jón Þorðarson, Bjarni Þorgeirsson, Jón Guðmundsson, Andrés Hallsson, Jón Jónsson¹⁰¹ e Þorkell Árnason (...).¹⁰²

O júri nesse caso foi convocado para examinar, investigar e ponderar cuidadosamente o caso que Jón Magnússon havia apresentado no último inverno ao xerife Magnús Magnússon, a Gísli Jónsson e ao vice do xerife Þorleifur Kortsson, sobre a investigação de sua doença que ele considerava ter sido causada por ação humana acusando os Jón Jónsson, pai e filho, de Kirkjuból.

O registro do tribunal informa que anteriormente os acusados haviam passado por uma audiência que estabeleceria que ambos iriam receber o juramento dos doze na assembleia da primavera seguinte, assim os nomes deles estariam limpos de acusações. Porém, o que explica o atraso para a ocorrência dessa assembleia, segundo o que há nos registros foi que:

cada vez mais rumores e evidências se acumulavam constantemente, (...) expressando-se em muitas palavras, com o apoio de outros homens de bem que (...) mostram [em] seus depoimentos escritos e como será abordado mais adiante, dizendo que os acusados deveriam ser devidamente presos em nome do Rei pelo xerife Magnús Magnússon e mantido em correntes até a presente investigação e julgamento.¹⁰³

O registro segue dando uma descrição detalhada da série de acontecimentos que montam a acusação de Jón Magnússon contra o mais velho dos Jón Jónsson. Mas há alguns detalhes que aparecem no registro que não estavam nos diários de Jón M. Os dizeres de Jón sênior logo após seu filho receber uma repreensão pública do padre podem ser encontrados nos registros dessa audiência. Está escrito:

O pastor disse que neste assunto Jón sênior apoiou vigorosamente seu filho com palavras frias e desafio ao pastor; entre as palavras ditas por Jón, como dois homens testemunham e dizem que suas esposas também ouviram, foram: 'Ria então, mas quem ri por último ri melhor', mas Jón sênior apenas admitiu ter dito: 'Você não tem direito de rir disso'.¹⁰⁴

¹⁰⁰ Se no registro do tribunal foi requisitado que especificassem a nacionalidade do júri, eu não poderei confirmar, mas o termo *Indíafari* em português significa indiano.

¹⁰¹ Não há no registro do tribunal uma distinção se esse Jón Jónsson é um dos réus, mas é muito possível que não seja.

¹⁰² ELLISON; 1993: p. 232.

¹⁰³ (...) more and more rumour and evidence were constantly accumulating, (...) expressing himself in many words, with the support of other good men (...) show and as will be touched on later, saying the accused should properly be arrested in the King's name by Sheriff Magnus Magnusson and kept in fetters until this present investigation and judgement (...).

ELLISON; 1993: p. 233.

¹⁰⁴ The pastor says that in this matter Jon senior vigorously supported his son with cold words and defiance to the pastor; among which words spoken by Jon, as two men bear witness and say that their wives also heard, were:

Além disso, as acusações a Jón sênior seguem descrevendo os acontecimentos sobre o dia posterior ao evento acima, quando o pároco se diz afetado por um sono não natural durante todo o dia, e durante a noite, ele diz ter sido afligido por dolorosos assaltos do Diabo. Por fim, as acusações a Jón sênior se encerra com a declaração do pastor Jón Magnússon. A diante segue a declaração do pastor:

Eu, assino abaixo, chamado ministro da palavra de Deus, estando ainda acamado nos tormentos da magia e feitiçaria, segundo a permissão e vontade de Deus, por negligência e adiamento dos deveres de minha vocação, conforme os fatos da origem e o desenvolvimento deste caso demonstram no relato das evidências, anúncio e faço público que eu absolutamente acuso ambos pai e filho, o mais velho e o mais novo Jón Jónsson de Kirkjuból, de terem causado a magia e feitiçaria que durante este inverno afligiu esta paróquia, minha casa e, em particular, minha própria pessoa, desde o 19º domingo depois da Trindade até o presente, de acordo com os acontecimentos, evidências, provas e circunstâncias relevantes que serão aduzidas e podem ser as provas mais claras no caso, que em lei e consciência me é permitido apresentar. Ao qual coloquei meu nome escrito de próprio punho abaixo, 12 de março de 1656.¹⁰⁵

Na sequência, o registro apresenta as evidências trazidas por Jón Magnússon em relação ao mais novo dos Jón Jónsson, o filho. A primeira acusação é sobre o interesse de Jón júnior em querer aprender mais sobre magia. O que foi apresentado como evidência, era que os membros da assembleia tinham conhecimento dos interesses pessoais do rapaz. Jón Magnússon, também usou o momento de desentendimento entre os dois quando ele, na condição de padrasto, negou a mão de sua enteada ao menino.¹⁰⁶

O pároco também trouxe à tona o episódio em que Jón júnior apertou sua mão, se despedindo após o final de um culto, e segundo Jón M., no momento em que ele soltou a mão do rapaz, uma sensação de queimação se espalhou na palma de sua mão. Para provar esse episódio, o padre disse que teve que esfregar a palma da mão na ponta do banco da igreja, o que Jón Þorsteinsson de Tunga e Stephán Brandsson diziam ter testemunhado. A quarta e

'Laugh then, but he who laughs last laughs best', but Jon senior only admitted to having said: 'You have no call to laugh at this.' But the men are willing to maintain their story on oath.

ELLISON; 1993: p. 233.

¹⁰⁵ I the undersigned, called a minister of God's word, who am still lying bedridden in the torments of magic and witchcraft, according to the permission and will of God because of neglect and postponement of the duties of my calling, as the facts of the origin and development of this affair demonstrate in the account of the evidence, announce and make public that I absolutely charge both father and son, the elder and younger Jon Jonsson of Kirkjuból, with having caused the magic and witchcraft which has during this winter afflicted this parish, my household and in particular my own person, from the 19th Sunday after Trinity right up to the present time, in accordance with those happenings, evidences, proofs and relevant circumstances which will be adduced and can be the clearest proofs in the case, which in law and conscience I am permitted to present. To which I set my name written with my own hand hereunder, 12 March 1656. Jon Magnusson with his own hand' is written beneath. Em tradução livre da autora.

ELLISON; 1993: p. 233.

¹⁰⁶ ELLISON; 1993: p. 233.

última acusação levantada por Jón M. é que o Diabo apareceu¹⁰⁷ com frequência à imagem e semelhança do pai e filho tanto na fazenda como em outros lugares, o que também foi apoiado por testemunhas.¹⁰⁸

Após as acusações feitas e o juramento do júri feito, o registro do tribunal revela que Jón Jónsson sênior fez sua confissão. Elas foram organizadas em forma de lista, como é possível ver abaixo:

1. Primeiro Jón sênior confessou que durante um curto período de tempo, teve em suas mãos um velho livro de couro de bezerro, emprestado por um tal de Thumás Jörundsson. 2. Além disso, ele esteve em posse de um pequeno livro de papel do mesmo tipo, que veio de Jón Pétursson, e Jón júnior confirmou esses dois pontos. 3. Em terceiro lugar, Jón sênior confessou que tentou convencer Jón Pétursson que ele fizesse um feitiço contra o pastor há dezoito meses, o que o citado se recusou a fazer, segundo o depoimento do acusado. 4. Jon sênior admitiu e confessou que havia destruído a vaca pertencente a Björn de Engidalur através de maldições. 5. Ele também confessa ter tentado enfeitiçar uma raposa, mas não obteve sucesso. 6. Ele deu nomes aos símbolos mágicos desenhados por seu filho Jón júnior. 7. Jón sênior disse que queimou os ditos livros de magia e deixou do livro de couro de bezerro apenas uma tabela para prever o clima do meio do inverno, que foi encontrada como ele havia indicado. 8. Por fim, a confissão se encerra com Jón sênior confessando que era culpado pelo início da doença do pastor, embora há muito o tenha negado com juramentos.¹⁰⁹

Da mesma forma colheram a confissão de Jón júnior:

1. Primeiro ele disse que experimentou suas artes em um filhote: para isso ele esculpiu duas runas e as jogou sobre ele, mas não teve efeito. 2. Que ele havia recitado um certo verso (que ele repetiu) sobre Ólafur, o cozinheiro dinamarquês, e disse que rabiscou runas no homem, e fez ele caminhar sobre os rabiscos, que chegou a concluir que tal ação teve efeito sobre o homem, porque ele caiu e machucou o peito. 3. Também disse que curou seu próprio bezerro, disse que o animal havia sido atormentado pelo Diabo, para isso usou o Selo de Salomão, que ele raspou no couro do bezerro e também escreveu em um pedaço de papel, depois rasgou em dois e os jogou no bezerro. Depois o Diabo veio até ele de noite e perguntou por que ele fez isso, mas ele respondeu: 'Maldito seja, você não vai me enganar', e na mesma noite o Diabo arrastou a vaca de seu pai para baixo das colinas, em obediência ao seu comando de que a vontade do Diabo deve ser feita em outro lugar. 4. Ele confessou que esculpiu runas para causar peidos em uma garota, a

¹⁰⁷ Aqui um ponto a ser destacado é esse aspecto de enganação vinculado ao Diabo, já que não se encontra na documentação um "pacto" com o Diabo aos moldes continentais.

¹⁰⁸ ELLISON; 1993: p. 233.

¹⁰⁹ 1. First Jón senior confessed that for a short time he had in his hands an old calfskin book, borrowed from one Thumás Jörundsson. 2. In addition, he was in possession of a small paper book of the same type, which came from Jón Pétursson, and Jón junior confirmed these two points. 3. Third, Jón senior confessed that he tried to convince Jón Pétursson that he cast a spell on the pastor eighteen months ago, which the defendant refused to do, according to the accused's testimony. 4. Jon Senior admitted and confessed that he had destroyed the cow belonging to Björn of Engidalur through curses. 5. He also confesses that he tried to bewitch a fox, but was unsuccessful. 6. He named the magical symbols drawn by his son Jón junior. 7. Jón senior said that he burned the said books of magic and left from the calfskin book only a table for predicting the weather of mid-winter, which was found as he had indicated. 8. Finally, the confession closes with Jón senior confessing that he was guilty of the onset of the pastor's illness, though he had long since denied it with oaths. Em tradução livre da autora.

ELLISON; 1993: p. 235.

quem deu o nome. 5. Ele diz que queria assustar Markús [Brandsson] e esculpiu runas em uma vara e cantou sobre ela, o que deveria ter funcionado, mas não teve efeito porque Markús evitou. 6. Ele diz que deu a Markús dois símbolos, um dos quais ele deveria deslizar para baixo da cama da garota para fazê-la mudar de ideia para que ela estivesse disposta a tê-lo (símbolo que ele desenhou em nossa presença), mas o outro era para evitar de se afogar no mar. 7. Ele também nos falou sobre magia de luta livre, símbolos nocivos e como tirar sangue para escorrer nas runas esculpidas, nomeando algumas delas pelo nome, como Golnispey, Urnir, Hagallinn Blá e Augnaþuss. 8. Confessou ter causado a doença de sr Jón Magnússon, embora não o seu início, à qual seu pai havia confessado. 9. Ele admitiu que arranhou um símbolo (que seu pai chamava de Fjölnir) na palma da mão antes de apertar a mão do pastor na igreja, do qual o pastor sentiu a sensação de queimação. 10. Ele disse que recitou as seguintes palavras: 'Que o fogo amaldiçoado se levante fortemente contra você por causa do ódio, e todo o mal que você pretende para mim volte para persegui-lo;' e, além disso, ele rabiscou um certo símbolo em um pedaço de osso de baleia ou guelra de peixe e o jogou ao vento - o que concorda com o relato do pastor sobre as enormes mudanças nos ataques. Jón júnior recitou certas palavras que haviam sido previamente usadas para curar as costelas de Ólafur Cook, as quais eram: 'Eu lhe trago cerveja, pequeno e brilhante homem, poderosamente misturada com magia forte a que Odin, senhor dos Æsir, e o malig no Gyðl deram poder.' 11. Ele leu o início do que chamou de 'carta de transcrição' em várias palavras de outras línguas, e disse que era bom para ler e curar pessoas, e confessou que a havia usado em sua irmã, que disse ter adoecido poucos dias antes da visita do pastor a Kirkjuból.¹¹⁰

O relatório conclui a partir das confissões que foram apresentadas pelos réus que “(...) nesse caso não pode haver nenhuma misericórdia para eles (...)”¹¹¹ e mesmo que de alguma

¹¹⁰ 1. First he says that he tried his arts on a half-grown pup: to this end he carved two runes and threw them over it, but this had no effect apart from causing some hesitation. 2. That he had recited a certain verse (which he repeated) over Ólafur the Danish cook, and said that he scratched it in runes and laid it in Ólafur's way where he had to walk over it, which he reckoned took effect on him, because he fell and hurt his breast. 3. He says that he cured his own calf, which he says had been plagued by the devil, for which purpose he used Solomon's Seal, which he shaved on the calf's hide and also wrote on a piece of paper, afterwards tearing it in two and throwing it at the calf. Afterwards the devil came to him by night and asked him why he did it, but he answered: 'Damn you, you're not going to cheat me', and the same night the devil dragged his father's cow down from the hills, in obedience to his command that the devil's will should be done elsewhere. 4. He confessed he had carved fating-runes intending them for a certain girl, whom he named. 5. He says that he wanted to scare Markús [Brandsson] and carved runes on a stick and sang over it, which should have worked, but it had no effect because Markús avoided it. 6. He says he gave Markús two symbols, one of which he was to slip into the girl's bed to change her mind so that she was willing to have him (which symbol he drew in our presence), but the other was to keep him from drowning at sea. 7. He also told us variously about wrestling-magic, harmful symbols and how to draw blood so as to let it run into the carved runes, naming some of them by name, such as Golnispey, Urnir, Hagallinn Blá and Augnaþuss. 8. He confessed to having caused the sickness of Jón Magnússon, though not its beginning, to which his father confesses, as is said above. 9. He admits that he scratched a symbol (which his father called Fjölnir) on his palm before shaking the pastor's hand in church, from which the pastor got the burning sensation in his palm. 10. He says he recited the following words: 'May the cursed fire rise sharply against you because of hatred, and all the evil you intend to me turn back to pursue you;' and in addition he scratched a certain symbol on a piece of whalebone or fish-gill and tossed it into the wind-which agrees with the pastor's account of the enormous changes in the attacks. Item, Jón junior recited certain words which were previously used to heal Ólafur Cook's side, as follows: 'I bring you beer, bright little man, powerfully blended with strong magic which Odin, lord of the Æsir, and the evil Gyðl have given power to.' 11. He read the beginning of what he called a 'transcript letter' in various words of other languages, and said it was good for reading over and healing people, and confessed that he had used it on his sister, who is said to have fallen ill a few days before the pastor's visit to Kirkjuból.

Em tradução livre da autora.

ELLISON; 1993: p. 235-236.

¹¹¹ ELLISON; 1993: p. 236.

forma eles pudessem ser perdoados, não seria possível devido ao “perigo que paira e ameaça a nós e a nossa sociedade na mão justa do Senhor Deus por causa dessas grandes e terríveis provocações a Deus (...).”¹¹² Diante dessa decisão, o código de leis nacional, seção 2 dos direitos civis informa que:

Aqueles homens que são condenados à morte por assassinato, feitiçaria, práticas mágicas, todos os meios de prever o futuro e também por estarem fora para levantar trolls ou praticam ritos pagãos, são homens cujas sentenças não podem ser substituídas.¹¹³

Além dessa lei, a Portaria de 1617 já havia sido promulgada deixando explícito que era dever de todos os homens da lei que fizessem valer o que estava escrito naquele decreto. E tendo em vista, que a confissão dos réus apresentava que ambos haviam usado magia de cura e para causar dano, esse decreto seria usado para compor a condenação de ambos os acusados. Diante das acusações e confissões, o júri se reuniu para votação, e na sequência foi revelado o veredito:

Nós, os jurados acima mencionados, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem é dado todo o poder no céu e na terra e que virá novamente para julgar os vivos e os mortos, por votação unânime acha que ambos os homens, Jón Jónsson sênior e Jón Jónsson júnior, pai e filho, e serão justamente condenados à morte. E a maneira de sua morte será que eles serão queimados em cinzas em um fogo ardente, como tem sido o costume aqui neste país e em outros, uma vez que eles são claramente condenados irremediavelmente por todos os crimes listados acima. Além de tudo isso, esses miseráveis confessaram no tribunal que tudo o que foi escrito acima era verdadeiro e verídico, e nesta confissão receberam a santa absolvição junto com o corpo e o sangue de nosso doce Redentor Jesus Cristo. Os xerifes acima mencionados confirmaram esta nossa sentença e colocaram seus nomes aqui abaixo com as assinaturas de nós, os jurados nomeados, cuja sentença foi declarada no referido local de assembleia em Eyri, mas absorta em Kirkjuból em Langidalur em 11 de maio do mesmo ano acima citado. Magnús Magnússon e Snœbjörn Torfason.¹¹⁴

Com o final de leitura do veredito, os condenados mesmo tendo sido excomungados receberam a comunhão dos clérigos que estavam presentes. Segundo o registro do tribunal, o

¹¹² ELLISON; 1993: p. 236.

¹¹³ ELLISON; 1993: p. 236.

¹¹⁴ We the above-named jurymen, in the name of our Lord Jesus Christ, to whom is given all power in heaven and earth and who will come again to judge the quick and the dead, by unanimous vote find both the said men, Jón Jónsson senior and Jón Jónsson junior, father and son, to have forfeited their lives and be rightly condemned to death. And the manner of their death shall be that they shall be burned to ashes on a blazing fire, as has been the custom here in this country and in others, since they are clearly irredeemably condemned for all the above-listed crimes. In addition to all this, these wretched persons confessed in court that all the above-written was true and veritable, and on this confession received holy absolution together with the body and blood of our sweet Redeemer Jesus Christ. The above-named sheriffs confirmed this our sentence with us, and set their names here below with the signatures of us the named jurymen, which sentence was declared at the said assembly-place at Eyri, but engrossed at Kirkjuból in Langidalur on the 11th May of the same year named above. Magnús Magnússon and Snœbjörn Torfason. Em tradução livre da autora. ELLISON; 1993: p. 237.

júri e os clérigos acreditaram que os réus estavam verdadeiramente arrependidos dos crimes que haviam cometido, e por isso tomaram a decisão de dar a comunhão a ambos. Os condenados também pediram a permissão para pedir perdão a Jón Magnússon. O padre aceitou que ambos os homens fossem até ele, mas segundo seu diário, quando os homens chegaram perto dele, ele notou que não estavam tão arrependidos assim. Especificamente a figura de Jón júnior, segundo o padre, estava murmurando feitiços e não orações como todos achavam. Na ocasião, os homens foram prostados de joelhos na frente de Jón Magnússon, e após pedirem perdão ao padre, ele diz que o mais jovem dos Jón Jónsson bateu em seu braço, enquanto se levantava, e segundo ele isso fazia parte da maldição que o rapaz estava verbalizando durante a leitura do veredito de condenação.¹¹⁵

A sentença foi executada na quinta-feira 10 de abril, o primeiro dia oficial de verão de acordo com o calendário islandês. Fazia parte do procedimento que os condenados pagassem por sua própria execução: os homens foram levados a Kirkjuból para coletar qualquer material inflamável, como, lenha, carvão, gravetos, óleo de peixe e qualquer madeira solta que achassem na região, para serem usadas para acender as fogueiras de ambos.¹¹⁶

Jón Magnússon não pode comparecer ao momento da execução dos homens, mas segundo seus diários, mesmo depois da execução dos Jónsson o padre não encontrou paz. Como não era permitido enterrar as cinzas das pessoas condenadas por feitiçaria, foram designadas pessoas para procurar se havia ainda partes identificáveis de seus corpos para que fossem completamente destruídas. E assim se encerram os comentários de Jón Magnússon sobre o caso dos Jón Jónsson de Kirkjuból.¹¹⁷

Os registros sobre o caso mostram que no dia 11 de abril de 1656, se reuniam em assembleia seis homens da lei, além dos xerifes, para avaliar os bens dos réus que haviam sido condenados no dia anterior, e calcular quanto deveria ser pago a Jón Magnússon pelos danos sofridos. De Jón Jónsson júnior, todos os bens haviam sido confiscados para pagar as multas dos impostos e dízimos atrasados, pois o rapaz cometia fraudes fiscais. Ao avaliar a propriedade de Jón Jónsson sênior, a primeira consideração do tribunal foi prover uma vida adequada a viúva, que recebeu 17 centenas de um total de 30. Também foi discutido a possibilidade dos herdeiros de Jón sênior poderem ter o direito de comprar as terras que haviam sido confiscadas por aquele tribunal dentro de dez anos, seguindo a avaliação feita

¹¹⁵ ELLISON; 1993: p. 238.

¹¹⁶ ELLISON; 1993: p. 238.

¹¹⁷ ELLISON; 1993: p. 238.

nesse dia (11 de abril de 1656). As 13 centenas restantes e as “riquezas soltas” depois de todas as dívidas e danos pagos, deveriam ir para Jón Magnússon ou sua esposa.¹¹⁸

O *Alþingi* de 1º de julho de 1656 de fato confirmou a decisão do tribunal de pagar 13 centenas mais as “riquezas soltas” de Jón Jónsson sênior para a família do padre Jón Magnússon. O parlamento também confirmou que os julgamentos que receberam casos de feitiçaria ocorridos neste ano (1656), tiveram juízes piedosos e justos, e o parlamento considerou esses julgamentos bons, cristãos e louváveis.¹¹⁹

Apresentado todo esse panorama, algumas hipóteses podem ser levantadas. A partir da leitura da Portaria de 1617, podemos teorizar que diante do que o decreto diferencia entre condenação dos “reais praticantes de magia” e “pessoas eruditas em tais artes”: é fácil pensar que poderia haver uma distinção, talvez, as pessoas que o decreto chama de “reais praticantes” fossem aqueles que vivenciavam a experiência mágica na sua totalidade, cultuando divindades e tendo uma experiência religiosa mais próxima de uma permanência do paganismo. Já aqueles “eruditos em tais artes” poderiam ser pessoas com conhecimentos de práticas curativas e maléficas, mas não necessariamente eram conhecedores que vivenciavam a prática como uma experiência religiosa, poderiam, muitas vezes, se entenderem como praticantes de um cristianismo protestante.

Contudo, contrapondo essa teoria com o caso dos Jón Jónsson ela não se faz válida, e a dúvida se em outros casos é possível encontrar fundamentos para validá-la fica em aberto para uma futura investigação. Porém, a partir da apresentação do caso dos Jón Jónsson posso concluir que a presença de um representante da igreja como acusador em um episódio de suposta prática de bruxaria, e a forma como a lei percebia os tormentos sofridos por esse representante podem ser fundamentais para levar a uma condenação. Mesmo que os indivíduos acusados tenham um *status* alto na comunidade, não era garantia para se ver livre de uma condenação, e apesar das poucas evidências é possível encontrar a presença de um padrão.

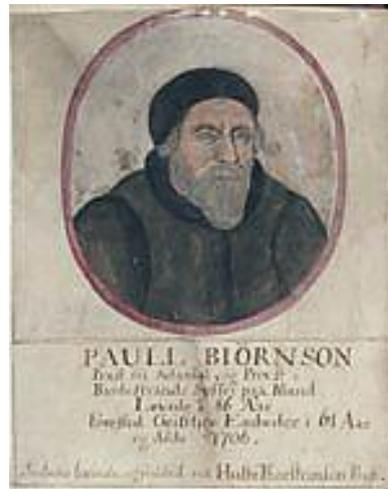
O caso da enfermidade que adoeceu a esposa e um dos filhos do Reverendo Páll Björnsson levou mais de seis pessoas para a fogueira. Das informações que pude encontrar sobre esse caso, em específico, Páll Björnsson era um dos muitos clérigos que na época foram para o exterior se educar.¹²⁰

¹¹⁸ ELLISON; 1993: p. 238.

¹¹⁹ ELLISON; 1993: p. 239.

¹²⁰ *Museum of Icelandic Sorcery*. Disponível em: <https://galdrasynning.is/>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

Imagem 2 - Retrato do Reverendo Páll Björnsson.



Disponível em: https://www.uw.is/news/The_priest_P. Acesso em: 18 de maio de 2022.

Seu ensaio mais famoso foi *Character Bestiæ* (1674), um manifesto contra a magia. Dentre as fontes citadas está o manual inquisitorial *Malleus Maleficarum*, mas os leitores encontram poucas semelhanças com a feitiçaria descrita em fontes islandesas. Em 1669, a esposa de Páll, Helga, adoeceu e por um tempo sua fazenda teve que ser evacuada por causa de espíritos malignos que a tornaram inabitável. Encaminhando o caso para xerife Þorleifur Kortsson, as investigações chegaram à conclusão que a doença de Helga havia sido causada por um lavrador que queria se casar com uma de suas empregadas. Páll o queimou com a ajuda de seu irmão Eggert Björnsson, o xerife do condado, junto com um segundo homem que eles alegaram ter ensinado feitiçaria ao lavrador.

A morte desses dois homens não curou a doença em Helga. E segundo as atas de condenação, parece que a mulher adoeceu repetidas vezes até que seis pessoas foram queimadas por causa de sua doença e de seus filhos. O último homem queimado na Islândia foi condenado por causar uma doença semelhante à filha de Páll e Helga. Entre aqueles que sofreram por terem algum tipo de conexão com essa família, está a única mulher queimada durante essa perseguição. Não se sabe muito sobre este caso, exceto que Þuríður Ólafsdóttir havia se mudado recentemente para a região, em Selárdalur, e seu filho que foi queimado com ela se gabou dizendo que sua mãe sabia como atravessar rios e córregos sem molhar os pés.

O caso foi um dos vários em que a sentença de morte foi confirmada pela assembleia geral, *Alþingi*, depois que os culpados haviam sido executados.¹²¹ Esse é mais um caso que mostra como a presença de uma figura religiosa acusando réus pode conduzir o júri e investigadores a decidir por uma condenação, além da importância que a legislação dava para o bem estar do pároco e de sua família. Infelizmente, não consegui encontrar registros mais detalhados desse caso envolvendo a doença da esposa do pároco Páll Björnsson, nem mesmo menções de um julgamento antes de qualquer veredito de execução aos acusados.

Outro ponto que chama bastante atenção é a natureza da maioria das acusações: são *maleficium* que prejudicaram pessoas ou seus bens. No caso dos Jón Jónsson, apesar da confissão ser retirada de registros de um mesmo tribunal que investigou e julgou o caso, não sabemos em quais condições essas confissões foram tiradas (apesar de sabermos que a lei islandesa proíbe o uso de tortura, mas condenava casos de feitiçaria, até a Portaria de 1617, com açoites).

Contudo, se concordarmos que essas pessoas realmente praticavam sortilégios e confessaram, sem torturas ou ameaças, possuir conhecimentos sobre magia, então, a partir da confissão de Jón júnior sabemos que ele utilizou runas e símbolos mágicos em seus feitiços. É possível encontrar menções semelhantes em outros documentos que registram o total de mortos durante o século XVII na Islândia, que estou chamando aqui de *Lista de Executados*.¹²² Além de mencionar, nome, ano e onde aquela pessoa foi executada, há menções dos motivos da execução e podemos encontrar referências a símbolos mágicos também. A proposta do próximo capítulo é apresentar o grimório compilado durante o século XVII que reuniu alguns dos símbolos apresentados nos tribunais de condenação islandesa.

¹²¹ *Museum of Icelandic Sorcery*. Disponível em: <https://galdrasyning.is/>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

¹²² Deixarei a lista completa nos apêndices.

3 CAPÍTULO DOIS

A Portaria 1617, assinada pelo rei dinamarquês Christian IV, compreendia que fazer o sinal da cruz, praticar exorcismos e a utilização de runas e sigilos mágicos eram artes secretas proibidas e seus praticantes seriam alvos possíveis de punição. Algumas dessas práticas mágicas ficaram conhecidas como *galdrastafir*. Para melhor compreendermos o significado dessa palavra vamos separá-la em duas partes: o sufixo *galdra* ou *galder* é usualmente traduzido como magia para português, e a outra parte *stafir* ou *stav*, pode ser traduzido para o inglês como *stave* ou *stick*, sendo compreendido em português como vareta ou traço. Nesse sentido, se unirmos as traduções podemos traduzir *galdrastafir* como cajado mágico ou traço mágico, contudo, apenas a tradução não contempla totalmente o significado dessa prática.¹²³

Historicamente, há uma distinção entre *galdur* (magia) benéfica e maléfica. A associação da prática de *galdur* com malefícios e poderes das traves se desenvolveu dentro do contexto pós Reforma Protestante. A magia maléfica, *svartagaldur*, era entendida como aquela que iria dominar a magia benéfica, *hvítagaldur*, dessa forma o conceito era unanimemente associado com maldade pela população islandesa durante esse período.¹²⁴

Segundo a professora Kirsten Hastrup (1990), aos homens praticantes de *galdur* era atribuído o nome de *galdramaður*, esses praticantes também eram alvo dessa mesma correlação de poderes sobrenaturais disseminadores da maldade; o conceito abrange igualmente termos como *sorcerers*, *warlocks*¹²⁵ na língua inglesa e até as bruxas e bruxos que foram acusados e julgados de acordo com os padrões centro-europeus, conforme estabelecido pelo manual inquisitorial *Malleus maleficarum*.¹²⁶ O equivalente para uma mulher praticante *galdur* era a palavra *galdrakona*, um termo pouco encontrado nas descrições dos tribunais, *galdramál*, que julgavam supostas mulheres acusadas por bruxaria. Geralmente, as mulheres eram referidas por derivações de seu primeiro nome, como por exemplo Galdra-Manga (Margrét Þorðardóttir), então, o termo geralmente usado para se referir a uma suposta bruxa ou bruxo na Islândia era predominantemente masculino.¹²⁷

¹²³ Galdra. (2017), In: Icelandic-English/English-Icelandic. Reykjavik: Hippocrene Books.

Stafir. (2017), In: Icelandic-English/English-Icelandic. Reykjavik: Hippocrene Books.

¹²⁴ HASTRUP, Kirsten. Iceland: Sorcerers and Paganism. In: _____. *Early modern European witchcraft: centres and peripheries*. Oxford [England]: Clarendon Press, 1990. p. 387.

¹²⁵ A tradução de *sorcerer* e *warlock* para português seria feiticeiro. Contudo, a etimologia da palavra *warlock* compreende que esse feiticeiro “quebrou um juramento”. O termo pode ter sido associado na Escócia com bruxos que seriam praticantes da fé cristã e que quebraram seus votos ou juramentos batismais.

Warlock. (2017), In: Oxford English Dictionary (3rd ed., p 1005-1006). Oxford: Oxford University Press.

¹²⁶ HASTRUP; 1990: p. 387.

¹²⁷ HASTRUP; 1990: p. 387.

Hastrup também aborda em seu capítulo *Iceland: Sorcerers and Paganism*, que em islandês antigo, o substantivo *galdr* se referia à música, principalmente, no sentido de encanto ou feitiço. O verbo correspondente a esse substantivo era a palavra *gala*, que significa cantar ou lançar feitiços. Essa derivação linguística que o conceito sofreu, segundo a autora, é importante para a compreensão semântica a qual o conceito de bruxaria vai assumir diante desse cenário regional específico no século XVII. Ela também aponta diretamente para o mais importante instrumento de poder sobrenatural presente no país, isto é, as palavras. As palavras eram os principais veículos de influência mágica, expressas em poesia de amor, prosa difamatória ou em códigos secretos.¹²⁸

A pesquisadora afirma que “a esse respeito, há uma continuidade notável na cultura islandesa ao longo do século, embora as formas de expressão escolhidas e o poder atribuído a diferentes tipos de palavras mudem de um período para outro.”¹²⁹

Outro termo usado para se referir à magia foi *fjölkyngi* que literalmente significava 'muito conhecimento (mágico)'. O termo é derivado do adjetivo *fjölknugur*, 'muito saber'. Um homem de conhecimento nessa época ficava conhecido como *kunnátumaður* (literalmente, homem de conhecimento). Como atesta Kirsten Hastrup:

A fronteira entre sabedoria e poder mágico não era facilmente traçada na prática e estava totalmente ausente na categoria de “conhecimento”. A realidade histórica dessa confusão de aprendizado geral e conhecimento oculto na Islândia do século XVII é abundantemente atestada pelos muitos exemplos de *galdrar* e *kukl* (outro termo de magia) nas escolas-catedrais, que funcionavam como centros de aprendizado.¹³⁰

Pelo que debatemos no capítulo anterior, muitos dos casos levados a julgamentos por bruxaria envolviam indivíduos com alto status social, em sua grande maioria homens, mas podemos traçar um padrão mostrando que muitos envolvidos eram membros ativos da comunidade religiosa. Como exemplo, temos o caso da freira no século XIV e dos padres no século XVI (casos que ocorreram durante a presença do cristianismo católico). Em um dos casos dos padres há a menção da presença de um livro contendo os feitiços usados para encantar a filha de um outro padre. Na confissão dos Jóns Jónsson de Kirkjúból também

¹²⁸ HASTRUP; 1990: p. 387.

¹²⁹ In this respect there is a remarkable continuity in Icelandic culture over the centuries, even though the actual forms of expression chosen and the powers attributed to different kinds of words changes from one period to the next. Em tradução livre da autora.

HASTRUP; 1990: p. 387.

¹³⁰ The boundary between wisdom and magical powers was not easily drawn in practice and was totally absent in the category of “knowledge”. The historical reality of this confusion of general learning and occult knowledge in seventeenth-century Iceland is abundantly attested by the many instances of *galdrar* and *kukl* (another term for magic) in the Cathedral-schools, which functioned as centers of learning. Em tradução livre da autora. HASTRUP; 1990: p. 388.

encontramos menções da presença de feitiços usados por ambos para diferentes fins e a presença de um livro com capa em couro de carneiro, que dá a entender que seria um *galdrabækur* (livro de magia).

Agora que entendemos a complexidade do sufixo *galdr* e a diversidade de termos em islandês para diferenciar o termo magia, passamos agora para o significado da palavra *stave*, o equivalente em inglês para *stafir* ou *stav*.

Em enciclopédias de magia e alquimia é possível encontrar sinônimos para esse termo. Dentre os sinônimos encontrados, a palavra *sigil* chama atenção. O termo *sigil* vem do latim *sigillum* que significa selo ou sigilo. Um selo, sozinho, não invoca espíritos, mas serve como um foco físico por meio do qual o praticante atinge o estado mental desejado. Os selos recebem energia por meio da visualização, canto ou intenção, podem ser comparados a uma forma taquigráfica permitindo ao praticante colocar essa energia em movimento. Os sigilos são criados a partir de números em quadrados mágicos, mas podemos também encontrar sigilos mágicos em signos astrológicos, runas e até desenhos criados pelos praticantes.¹³¹

Assim, um *galdrastafir* pode ser visto como a presentificação de um feitiço mágico em uma forma gráfica (traço), esses sigilos podem ser encontrados em manuscritos, e, às vezes, acompanhados com algum tipo de descrição, explicando tanto o propósito desses sigilos quanto como usá-los. Esses conhecimentos mágicos eram escritos em livros que registravam instruções para fazer rituais, encantamentos, feitiços para controlar *demons* (espíritos que são invocados para realizar tarefas) entre outros saberes que podem ser encontrados em grimórios, pergaminhos e papiros mágicos.¹³²

Nessa sessão iremos analisar um livro de magia intitulado *Galdrabók*. Nele, encontramos diversos círculos mágicos, encantamentos para evitar insônia e dores de cabeça, maneiras de encontrar ladrões, e também saber qual dia do ano será o menos auspicioso. Essa tradição mágica é muito particular do período conhecido como *later medieval and early modern Iceland*¹³³, que se refere à transição da influência do Catolicismo para o Protestantismo, o qual também se refere ao período de produção desse manuscrito.

Durante o primeiro ano de prática da Iniciação Científica (2019/2020), me dediquei à tradução e análise do grimório. Inicialmente, uma primeira edição traduzida para o inglês foi encontrada na internet durante buscas feitas na plataforma Academia. Contudo, o arquivo

¹³¹ GUILLEY; 2006: p. 293.

¹³² GUILLEY; 2006: p. 121 - 122.

¹³³ O termo *later medieval and early modern Iceland* pode ser traduzido para a Islândia Tardia. Tradução livre da autora.

referente a essa fonte se encontrava incompleto, portanto, busquei maneiras para conseguir adquirir uma versão física da fonte. Assim, a versão utilizada desde então é a segunda edição publicada em 2005 pela editora RÛNA-RA VEN PRESS, em Smithville, Texas.

Essa segunda edição intitulada *The Galdrabók: An Icelandic Book of Magic*, foi organizada pelo Ph.D. Stephen E. Flowers e apresenta informações que vão além da tradução do manuscrito. O autor dividiu o livro em duas partes, mais apêndices: a primeira parte se subdivide em seis capítulos, que se dedicam a construir uma contextualização histórica sobre o passado político-religioso do país, além de se debruçar sobre a discussão das tradições mágicas existentes na Islândia.

A segunda parte apresenta a tradução do manuscrito em si. O livro está organizado de forma numérica, indo de 1 a 47. Ao longo da leitura dos feitiços nota-se que o autor adicionou notas de rodapé com a justificativa de contextualizar termos, símbolos ou explicar informações específicas referentes às práticas mágicas encontradas na fonte.

Por fim, o livro se encerra com alguns apêndices, referentes a outros grimórios recolhidos pelo autor. Esses outros manuscritos se relacionam com o *Galdrabók* por compartilhar uma mesma tradição mágica, chamada por Flowers de germânica. Aqui gostaríamos de não incorrer na mesma generalização feita pelo autor, então chamaremos de uma tradição mágica islandesa.

É importante informar que o manuscrito foi produzido entre meados do século XVI e o início do século XVII. O nome do autor que se dedicou à escrita desse grimório é desconhecido, mas foi possível detectar quantos escritores se empenharam a essa produção ao longo dos séculos: foram quatro diferentes escribas, que podem ser identificados a partir da organização do manuscrito. O primeiro autor escreveu os feitiços 1 a 10. Um segundo adicionou os feitiços 11 a 39. Tempos depois, um terceiro escriba adicionou os feitiços 40 a 44, e é interessante notar que a escrita foi feita em estilo cursivo do século XVII, delimitando uma diferença estética entre os feitiços anteriores e os adicionados nessa parte. Um quarto escriba escreveu a última sessão de feitiços, 44 a 47, tendo acesso a esse manuscrito na Dinamarca. Muito provavelmente foi assim que o manuscrito sobreviveu, pois segundo Alessia Bauer (2021) o manuscrito foi perdido e uma segunda versão conseguiu sobreviver, sendo preservada em Estocolmo.¹³⁴

¹³⁴ Em Handrit.org é possível acessar manuscritos preservados que foram reunidos por diversas instituições. Acessando os arquivos da Biblioteca Nacional da Suécia é possível pesquisar pelo *Galdrabók* a partir da

Por conta da falta de confiabilidade existente em relação a esse autor, irei me restringir a usar apenas a tradução feita por Stephen E. Flowers. Dentro da comunidade dos estudos escandinavos e neopagãos, a figura do autor é bastante controversa, com denúncias indicando que adotava uma "metodologia criativa" para provar seu ponto de vista. Assim, irei me privar das indicações presentes nas notas de rodapé ao longo da tradução da fonte, da contextualização histórica que abre o primeiro capítulo e as conexões existentes entre o grimório islandês e os outros manuscritos chamados por ele de germânicos.¹³⁵

Diante desse cenário a próxima sessão irá ser dedicada a apresentação de alguns *galdrastafir* que estão presentes nos registros de condenação por bruxaria, mencionados no capítulo anterior, e que também compõe a lista de feitiços presentes na fonte *Galdrabók*.

3.1 EXEMPLOS DE GALDRASTAFIR PRESENTES NO GALDRABÓK

Antes de apresentar alguns exemplos de *galdrastafir*, cabe mencionar que foi atribuído a supostos bruxos condenados durante o Século do Fogo registros de que a causa da sua condenação decorre da utilização ou posse de runas, geralmente atribuindo a elas uma qualidade mágica.

Apesar do imaginário comum compreender as inscrições rúnicas como mágicas em si, elas são, no sentido histórico, um alfabeto de escrita usado para registrar memórias.¹³⁶ Os povos germânicos e escandinavos possuíam um modo de escrita chamado alfabeto rúnico, e cada letra, por sua vez, era chamada de runa.¹³⁷ O professor Renan Marques Birro apresenta que:

As runas serviram, sem dúvida, como um método prático para memorizar e legar ao futuro pequenas informações, ou enviar mensagens. Também não havia uma gramática, o que implicava em diferentes padrões, simplificações, erros na gravação; também é preciso mencionar as deteriorações provocadas pela ação do tempo, entre

sequência de registro do manuscrito: ATA Ämb. 2, F 16:26. Para mais informações acessar <https://handrit.is/?lang=en>.

BAUER, Alessia. What is the oldest example of an Icelandic grimoire? *The Icelandic Web of Science* 21.6.2021. <http://why.is/svar.php?id=81995>. (Skoðað 5.12.2021). p. 2.

¹³⁵ Sobre essa crítica ao autor, eu pesquisei sobre e apenas encontrei sobre o assunto no verbete abaixo. Stephan E. Flowers. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Stephen_Flowers. Acesso em: 15 de julho de 2022.

¹³⁶ LANGER, Johnni. *Sete erros históricos sobre runas e magia rúnica*. Academia.Edu, 2020. <https://www.academia.edu/43005456>. p. 2.

¹³⁷ BIRRO, Renan Marques. Uma brevíssima introdução sobre as runas e o estudo das runas. *Fato & Versões*, Faculdade Católica de Uberlândia/Universidade de Mato Grosso do Sul, p. 1-14, 2014/2. Disponível em: https://www.academia.edu/12427216/Uma_brev%C3%ADssima_introdu%C3%A7%C3%A3o_sobre_as_runas_e_o_estudo_das_runas. Acesso em: 02 de julho de 2022.

outras variáveis. Assim, há uma “lei da *runodinâmica*”, i.e., “para cada inscrição, terão tantas interpretações quanto runólogos estudando-a” (McLEOD, 2006: 1-3).¹³⁸

Segundo o professor Johnni Langer em seu artigo “Sete erros históricos sobre runas e magia rúnica” (2020), esse entendimento se deve por conta de obras que popularizaram o tema unindo a perspectiva histórica com os conteúdos da Edda Poética,

como no primeiro livro publicado no Brasil sobre a temática nórdica: ‘os sagrados caracteres dotados de prodigioso poder.’ (Dicionário de Mitologia Nórdica, Esopinho, s.d.p, p. 92, possivelmente publicado nos anos de 1960).¹³⁹

Utilizando a perspectiva linguística, a palavra *rûna* (proto-indo-europeu) pode ter os seguintes significados: “(...) do nórdico antigo *rûn* (mistério, sabedoria secreta), do saxão antigo *rûna* (conselho, discussão) e *girûni* (segredo), do alto alemão antigo *rûnon* (sussurar) e do finlandês (canção mágica ou encantamento).”¹⁴⁰

Na Islândia do século XVII, o entendimento de runa está mais ligado à prática mágica que simplesmente uma forma de escrita. Tal entendimento pode estar ligado aos significados apresentados anteriormente nas raízes linguísticas da palavra, mas é importante compreender que, sendo esse o caso, seria uma mudança no seu significado prático, não semântico. A runa mantém seu sentido relacionado à magia, mas perde seu sentido relacionados a linguagem enquanto alfabeto.

As runas são inerentemente mágicas ou há simplesmente uma concepção feita delas com esse sentido? Não cabe aqui traçar um histórico linguístico das raízes que remontam a palavra runa, mas o debate está aqui para apresentar que dentro do contexto da Islândia do século XVII a utilização atribuída a elas foi diferente.

O primeiro homem condenado por bruxaria foi Jón Rögnvaldsson e sua morte aconteceu em 1625. Nos registros, a acusação o condenou por criar fantasmas e possuir papéis com runas. Um segundo caso, aconteceu em 1654, o acusado, Grímur Jónsson, confessou que conhecia runas mágicas e que matou uma ovelha usando esse conhecimento. Outro caso semelhante, é o de Þorbjörn Sveinsson, morto em 1677. Segundo os registros, o homem foi encontrado tendo em posse sinais mágicos. Ele admitiu que havia usado feitiçaria para tentar descobrir quem o havia roubado e para facilitar o manejo com ovelhas. Em 1681, Ari Pálsson

¹³⁸ BIRRO; 2014: p. 2.

¹³⁹ LANGER; 2020: p. 2-3.

¹⁴⁰ BIRRO; 2014: p. 2.

foi condenado por rumores que afirmavam que o homem era conhecedor de magia. Após o resultado que o condenou, ele confessou saber descobrir quando uma mulher está grávida.¹⁴¹

Nas confissões de Jón Jónsson júnior, o rapaz afirma que “experimentou suas artes em um filhote: para isso esculpiu duas runas e as jogou sobre ele (...).”¹⁴² Não há menção de quais runas ele esculpiu e nem em que tipo de material ele usou para talhar as runas. Outra confissão feita, foi que Jón júnior disse ter “rabiscado runas no [cozinheiro dinamarquês] Ólafur, e o fez caminhar sobre os rabiscos (...).”¹⁴³ Segundo o menino, tal ação deu resultados, pois o homem caiu e se machucou. Além dessas, Jón júnior também menciona um episódio em que ele ajudou Markús, de sobrenome possivelmente Brandsson, a conseguir que uma garota estivesse disposta a tê-lo. Ele deu ao rapaz duas runas, na qual Markús deveria por debaixo da cama da garota.

Todos esses exemplos de utilização de runas apresentados até aqui, demonstram que dentro desse contexto do século XVII a compreensão de runas as aproximava da prática do *galdrastafir*. Podemos compreender essa afirmação, principalmente diante de uma das confissões dadas por Jón júnior: “Ele confessou que esculpiu runas para causar peidos em uma garota (...).”¹⁴⁴ Dentre os 47 feitiços presentes no grimório está o feitiço de número 46, com o nome “Runas de Peido.”

46. Runas de Peido: Escreva estes sigilos em couro de bezerro branco com seu sangue. Sangre sua coxa e diga: Eu esculpo oito *ansuz*, nove *naudhiz*, treze *thurisaz* que devem afligir bastante seu ventre com caganeiras e dores agudas, e que tudo isso aflija sua barriga com muito peido. Que seus ossos se dividam em pedaços, que suas tripas estourem, que seus peidos nunca parem, nem de dia nem de noite. Que você se torne tão fraco quanto o demônio, Loki, que foi preso por todos os deuses. Em seu mais poderoso nome, Senhor Deus, Espírito, Criador, Óðinn, Þór, Salvador, Freyr, Freyja, Oper, Satanás, Belzebu, ajudante, Deus poderoso, (proteja) com seus seguidores Uteos, Morss, Nokte, Vitales.¹⁴⁵

¹⁴¹ A lista completa traduzida para português com os todos os condenados encontra-se no anexo X. A versão em inglês se encontra em: *Museum of Sorcery & Witchcraft*. Disponível em: <https://galdrasynning.is/>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

¹⁴² “(...) he tried his arts on a half-grown pup: to this end he carved two runes and threw them over it (...).” Em tradução livre da autora.

ELLISON; 1993: p. 235-236.

¹⁴³ “(...) he scratched it in runes and laid it in Ólafur's way where he had to walk over it (...).” Em tradução livre da autora.

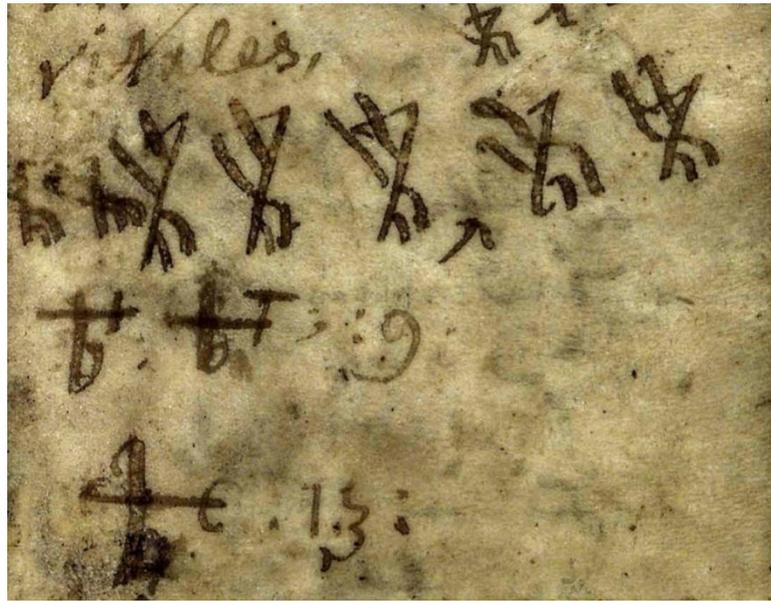
ELLISON; 1993: p. 235-236.

¹⁴⁴ He confessed he had carved farting-runes intending them for a certain girl (...). Em tradução livre da autora.

ELLISON; 1993: p. 235-236.

¹⁴⁵ 46. Fart-runes: Write these staves on white calfskin with your blood. Rouse your blood from your thigh and say: I carve you eight *áss*(-runes), nine *naud*(-runes), thirteen *Purs*(-runes), which are to afflict your belly with great shitting and shooting pains, and all these may afflict your belly with very great farting. May your posts (= “bones”) split asunder, may your guts burst, may your farting never stop, neither day nor night. May you become as weak as the fiend, Loki, who was snared by all the gods. In your mightiest name Lord God, Spirit, Creator, *Óðinn*, *Þór*, Savior, Freyr, Freyja, Oper, Satan, Beelzebub, helper, mighty God, (protect) with your followers Uteos, Morss, Nokte, Vitales. Em tradução livre da autora.

Imagem 3 - Feitiço 46, Runa de Peido.



Disponível em: http://galdrastafir.org/pdf/Galdrabok_ATA_%C3%84mb2.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2022.

Primeiramente, não estou afirmando que Jón júnior está citando diretamente a compilação de feitiços *Galdrabók*, sequer que ele usou o mesmo feitiço. Apenas há uma referência há uma prática mágica que, por sua vez, também se encontra no grimório. Contudo, se analisarmos esse encantamento, encontramos que na sua prática há explicitamente a menção de runas que compõem o alfabeto rúnico conhecido como *futhork*: *ansuz*, *naudhiz* e *thurisaz*. A intencionalidade colocada pelo praticante ao esculpir tais runas, unida aos dizeres e a invocação das divindades: *Óðinn*, *Pór*, *Freyr*, *Freyja*, *Satanás*, *Belzebu* é a fórmula utilizada para tornar o feitiço bem sucedido.

Outro exemplo de *galdrastafir* presente na confissão de Jón júnior é quando ele menciona que “curou seu próprio bezerro que estava sendo atormentado pelo Diabo.”¹⁴⁶ Para isso, ele usou o selo de São Salomão, raspou o selo no pelo do bezerro e também escreveu em um pedaço de papel, em seguida rasgou o papel em dois e jogou os pedaços em cima do

FLOWERS, Stephen E. *The Galdrabók: An Icelandic Book of Magic*. 2. ed. Smithville: RÛNA-RAVEN PRESS, 2005. p. 55-56.

¹⁴⁶ He says that he cured his own calf, which he says had been plagued by the devil (...). Em tradução livre da autora.

ELLISON; 1993: p. 235-236.

bezerro. Há no *Galdrabók* uma menção ao Selo de São Salomão¹⁴⁷, no feitiço de número 23, com o nome “Contar cartas de jogar (que estão) deitadas com a face para baixo.”

23. Contar cartas de jogar (que estão) deitadas com a face para baixo.

1 : 739 Rei : 6 : 5
 4 : Valete
 8 : Rainha 10-2

[Selo do Rei Salomão, filho de David]¹⁴⁸

Imagem 4 - Feitiço 23, “Contar cartas de jogar (que estão) deitadas com a face para baixo.”



Disponível em: http://galdrastafir.org/pdf/Galdrabok_ATA_%C3%84mb2.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2022.

Esse feitiço apresenta um código numérico e na sequência o Selo de São Salomão. Muito provavelmente, o código numérico é referência para as cartas de baralho rei, rainha e valete. Tudo indica que a finalidade desse feitiço é ser usado em um contexto de jogo, para

¹⁴⁷ A Chave de São Salomão, também chamada de Chave Maior de Salomão e Clavícula de Salomão é um grimório importante dentre os estudos de magia, pois esse texto é a fonte da maioria de outros grimórios. O livro é atribuído ao lendário rei Salomão, que pediu sabedoria a deus e ordenou a um exército de demônios que fizessem suas ordens e construíssem grandes obras. Já o Selo de São Salomão, também chamado de Escudo de Davi e Estrela de Davi, na magia aparece como um talismã para controlar demônios e espíritos conjurados pelo mago que o usa. Dos séculos XIV ao XIX, os grimórios dos mágicos, ou manuais, deram instruções detalhadas para desenhar o Selo de São Salomão dentro ou fora do círculo mágico.

GUILEY; 2006: p. 121, 289.

¹⁴⁸ 23. To count out playing cards (which are) lying face down.

1 : 739 King : 6 : 5

4 : Knave

8 : Queen 10-2

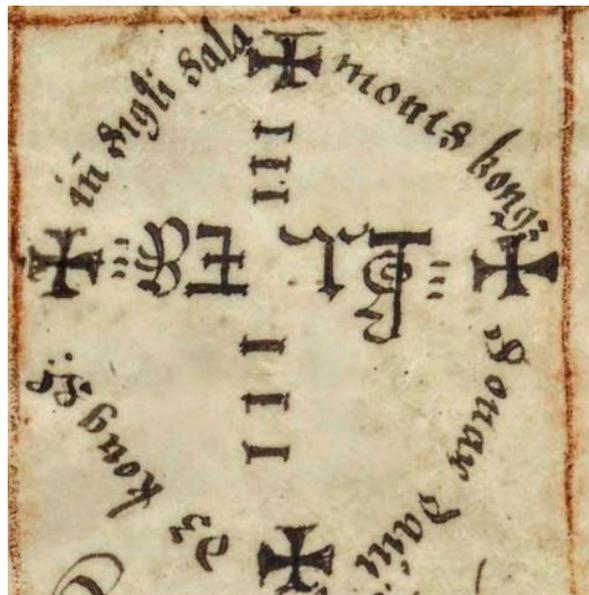
[Sigil of King Solomon, son of David].

FLOWERS; 2005: p. 46.

trazer sorte ao portador do selo. Novamente, não estou dizendo que especificamente esse feitiço foi usado por Jón júnior (tanto que as motivações para tais feitiços são para finalidades diferentes). A única afirmação possível de ser feita entre esses registros é que esses conhecimentos mágicos, que aliás, são de tradições mágicas diferentes, estavam circulando durante esse contexto histórico. Além desse feitiço, há outro que também está presente no grimório e carrega um selo muito semelhante ao que foi mencionado acima. Veja:

11. Contra ódio e veneno de adversários e inimigos: Quem carrega o seguinte selo em si nunca será prejudicado pelas tentações do Maligno (Diabo). E nenhum inimigo se manifestará contra ele com cisma. E ele não será traído por qualquer comida ou bebida, nem será traído por coisas falsas.¹⁴⁹

Imagem 5 - Feitiço 11, “Contra o ódio e o veneno de adversários e inimigos.”



Disponível em: http://galdrastafir.org/pdf/Galdrabok_ATA_%C3%84mb2.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2022.

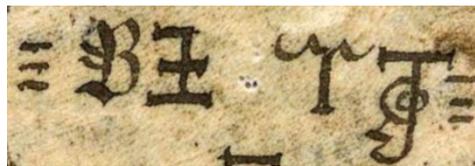
Esse segundo feitiço apresenta uma finalidade bem diferente que o anterior. Esse explicitamente busca garantir a proteção do portador do selo, dessa forma, ele estará protegido

¹⁴⁹ 11. Against the hate and poison of adversaries and enemies: Whoever carries the following sigil on his person will never be harmed by the temptations of the Fiend (Devil). And no enemy of his will come forth against him with his spite. And he not be betrayed in either food or drink, nor will he be betrayed by any false things. Em tradução livre da autora. FLOWERS; 2005: p. 42.

de qualquer inimigo que o aborde ou que tente atentar contra sua vida atacando-o através de alimentos e bebidas. Mesmo sendo escrito pelo mesmo autor (tudo indica que foi o segundo autor que adicionou os feitiços 11 a 39) e apresentando semelhanças gráficas visíveis: os elementos que compõe o selo no centro são os mesmo em ambos os sigilos. Além disso, as inscrições que estão dispostas ao redor do selo são as mesmas: “(cruz) *monis Kongs* (cruz) & *onar Dauí: (cruz) ð 3 - kongs*” (cruz) *in Sigli Sala.*”

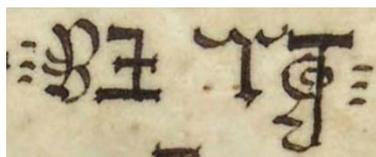
Embora não tenha encontrado um análogo exato aos pentáculos que compõem a Chave de São Salomão, pesquisando para além deles pude encontrar, em uma tabela que apresentava os caracteres e letras divinas dos planetas, semelhanças gráficas entre estas letras e os sigilos presentes no Galdrabók. Veja as imagens abaixo:

Imagem 6 - Feitiço 11, “Contra o ódio e o veneno de adversários e inimigos.”



Disponível em: http://galdrastafir.org/pdf/Galdrabok_ATA_%C3%84mb2.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2022.

Imagem 7 - Feitiço 23, “Contar cartas de jogar (que estão) deitadas com a face para baixo.”



Disponível em: http://galdrastafir.org/pdf/Galdrabok_ATA_%C3%84mb2.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2022.

Imagem 8 - Selos, Caracteres e Letras Divinas dos Planetas.

2.º caracteres de Vênus

Disponível em:

https://www.academia.edu/41717962/As_chaves_de_salomao_o_rei_clavicula_salomonis.

Acesso em: 02 de julho de 2022.

Analisando a imagem 8 podemos concluir que o escriba que se encontrava em posse do *Galdrabók* tinha conhecimento desses caracteres, selos e letras que estão presentes na Clavícula de São Salomão. Mesmo não sendo, exatamente, os mesmos caracteres presentes nas imagens 7 e 6, a semelhança na construção do traço nos faz concluir que de alguma forma esses textos chegaram até ele. Diante de tal conclusão, um questionamento pode surgir: como essas diferentes tradições mágicas podem ter chegado até a Islândia? Além da presença da tradição judaico-cristã e escandinava é possível encontrar a presença de outras culturas nos feitiços que compõem esse grimório? Responder essas perguntas é o objetivo da próxima sessão desse capítulo.

3.2 DIFERENTES TRADIÇÕES MÁGICAS ENCONTRADAS NO *GALDRABÓK*

O objetivo da próxima sessão, inicialmente, é apresentar diferentes tipos de tradições mágicas encontradas no *Galdrabók*, além das que já foram apresentadas até aqui, e na sequência, apresentar algumas hipóteses que tentam responder como essas diferentes tradições mágicas chegaram até o país.

Infelizmente, não será possível debater sobre a filosofia prática por trás desses feitiços, ao menos não nessa monografia. Além de ser um limitador que encontrei ao ler a fonte, pois ela não é um grimório que apresenta em quais bases filosóficas essa prática se sustenta, encontrei também uma dificuldade muito grande de encontrar outros pesquisadores que eu pudesse ter acesso para poder dialogar e assim tentar analisar mais especificamente essas questões.

Dentre os 47 feitiços presentes no *Galdrabók* optei por selecionar apenas dois feitiços que poderiam exemplificar como as tradições existentes no grimório estão presentes na prática do *galdrastafir*. Obviamente, existem muitos outros feitiços que poderiam ter sido utilizados para a mesma finalidade, a escolha aqui para essa seleção foi apenas uma técnica diante do desafio de escrever uma monografia.

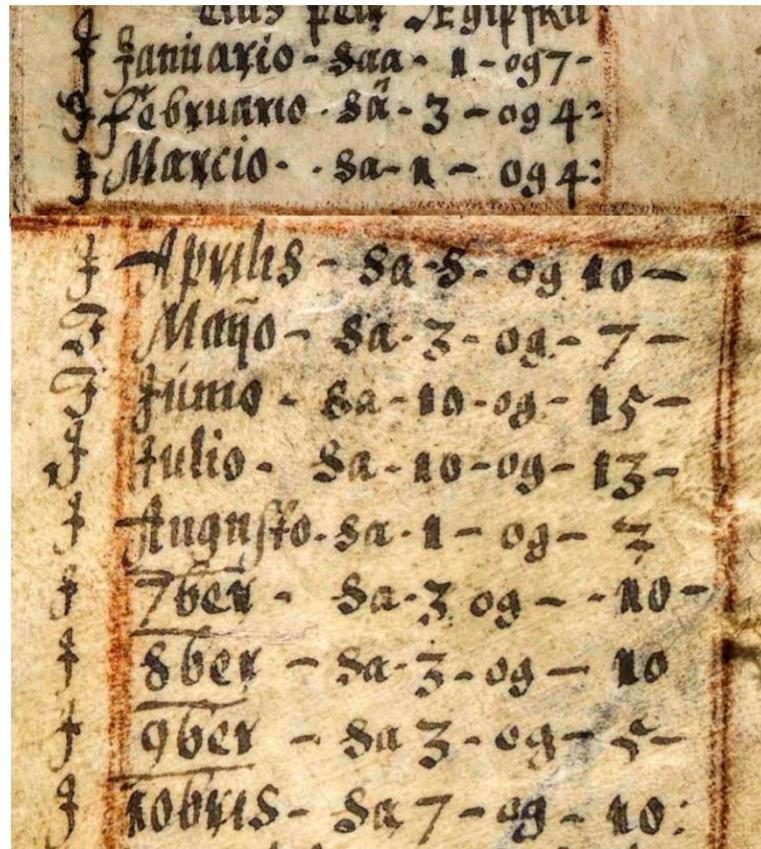
O primeiro exemplo apresentado será o feitiço de número 22. Dias que trazem má sorte:

Esses são os dias que os antigos consideram infelizes; especialmente os egípcios:¹⁵⁰

¹⁵⁰ These are the days which the ancients considered unlucky; especially the Egyptians. Em tradução livre da autora.

FLOWERS; 2005: p. 46.

Imagem 9 - Feitiço 22, “Dias que trazem má sorte.”

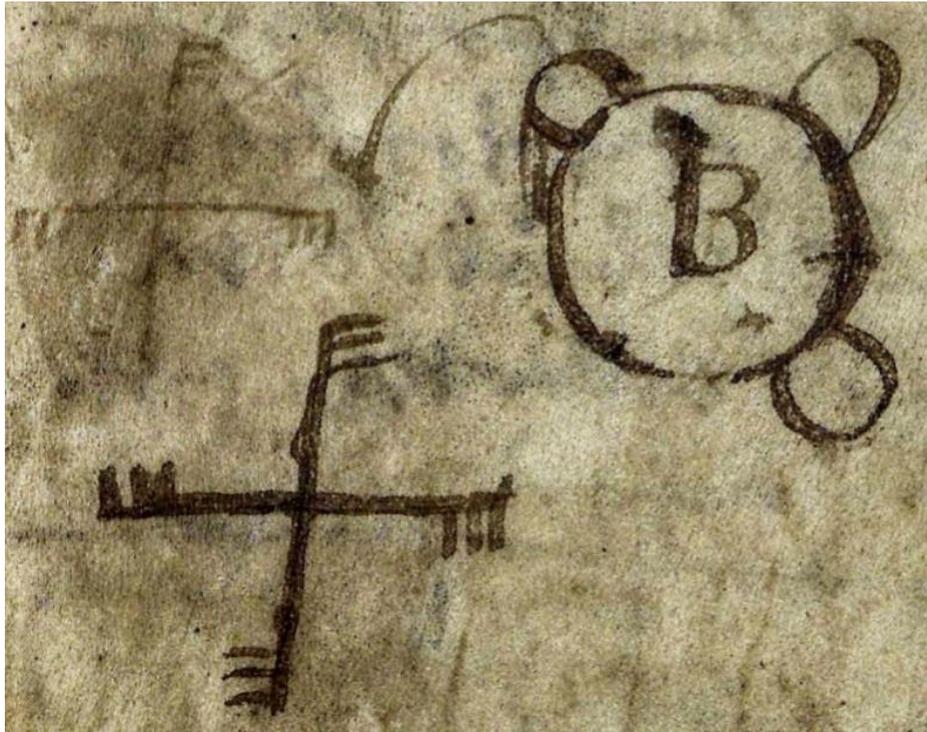


Disponível em: http://galdrastafir.org/pdf/Galdrabok_ATA_%C3%84mb2.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2022.

Este é um exemplo que demonstra a presença da tradição egípcia entre os encantamentos da fonte. Esse “calendário da sorte” organiza de janeiro a dezembro quais dias trariam má sorte, de acordo com os antigos, mas especialmente os egípcios. Nesse caso, é interessante notar o destaque dado aos egípcios dentre os antigos. Não é possível precisar se há outras culturas contempladas nesse “antigos”, sendo a conclusão natural a de que o autor se referia a sua própria cultura; então a nomeação específica dos egípcios, em primeiro lugar, salta aos olhos, e em segundo, sugere a contemplação de outras culturas dentro dos feitiços do grimório. Esse, assim como os feitiços 11 e 23 que mostram o Selo de São Salomão, é um dos poucos casos em que o autor menciona abertamente em qual tradição aquela prática está se apoiando. Em outros casos, há apenas a descrição com a finalidade do encantamento e, a partir dos símbolos gráficos que complementam a fórmula mágica encontramos elementos de outras culturas. Como é o exemplo do próximo encantamento que irei apresentar.

45. Um outro jeito de descobrir um ladrão: Se alguém gostaria de outro jeito de encontrar quem está lhe roubando, então ele deve fazer esse sigilo no fundo de uma tigela com uma faca com cabo de madeira. Sangre por baixo do dedão do pé e da mão direita e espalhe-o pelo sigilo. Então, pegue água fresca e coloque *millefolium* nele. A água deve ser retirada após a meia-noite da noite de São João e levada com luvas para que fique em suas mãos. As plantas devem ser ungidas com sangue, assim como esses três sigilos:

Imagem 10 - Feitiço 45, “Um outro jeito de descobrir um ladrão.”



Disponível em: http://galdrastafir.org/pdf/Galdrabok_ATA_%C3%84mb2.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2022.

E pergunte por conta do maravilhoso poder da erva e do esforço contínuo de seu poder, que os deuses possam enviar Rafael, seu mais poderoso dos servos, como um auxílio, para que ele possa se mostrar aqui em seus nomes mais poderosos: Þór, Frigg, Belzebu, Óðinn. Leia o Pai Nosso em seguida.¹⁵¹

Uma curiosidade muito interessante do *Galdrabók* é que haviam muitos feitiços especificamente para encontrar ladrões. Aparentemente, haviam muitos furtos, e

¹⁵¹ 45. Another way to uncover a thief: If anyone would like another way to find out who is stealing from him, then he should make this stave on the bottom of a bowl with a wooden-handled knife. Raise blood from under your big toe and your right hand and spread it around the stave. Then take fresh water and put *millefolium* into it. The water should be drawn after midnight on St. John's Night and taken with gloves so that it gets on hands. The plant should be anointed with blood, as should these three staves: And ask on account of the marvelous might of the herb and the continuous effort of its power, that the gods might send Rafael, their mightiest of servants, as an aid, that he might show himself here in your mightiest names: Þór, Frigg, Beelzebub, Óðinn. Read the Our Father afterwards. Em tradução livre da autora. FLOWERS; 2005: p. 55.

possivelmente o bem mais precioso nessa época deveria ser o gado, há especialmente um encantamento para proteger rebanho. Mas, curiosidades a parte, a fórmula mágica para o encantamento ser bem sucedido necessita da união do *galdrastafir* com a prática de utilizar ervas, nesse caso o *millefolium*, ou mil-folhas, que deveria ser mantida imersa na água até a meia noite de São João. Na mesma data em que se comemora o dia de São João, 24 de junho, se comemora no Hemisfério Norte o Solstício de Verão, ou seja, essa não é a data de qualquer santo.

Além disso, o encantamento apresenta três sigilos (um deles está meio apagado, mas na descrição o escriba menciona que o feitiço deve conter três sigilos). Os dois sigilos que se repetem apresentam dois traços que se cruzam, lembrando runas solares como a suástica¹⁵², e estão acompanhados de outra forma gráfica circular que possui três semicírculos presos ao círculo maior. Na parte de dentro do maior círculo, há o que podemos compreender como uma letra b, do alfabeto latino, escrita em maiúsculo desenhada. Mas não é a letra B, é uma escrita mágica.

O encantamento se encerra invocando as presenças de Rafael¹⁵³, que nas artes mágicas medievais e modernas, é entendido como uma manifestação judaica de Mercúrio, Hermes, *Pór* e Enoch. Além dele são invocadas as divindades escandinavas *Pór*, *Frigg*, e *Óðinn*, e também Belzebu. E para encerrar encantamento é dito que deverá ser lido a oração cristã: Pai Nosso.

A presença de diferentes tradições mágicas num mesmo encantamento pode surpreender, contudo em outros livros e textos de magia essa correspondência é comum. Belzebu é um epíteto para Bael, que na Chave de São Salomão a correspondência astrológica é o Sol. Quero dizer que numa hermenêutica da cosmovisão da fonte, Belzebu não é um demônio ruim a serviço de Satanás. Podemos encontrar a relação Sol (Bael) e Mercúrio (Rafael) nos Papiros Gregos de Magia¹⁵⁴, no Picatrix, no Liber Razielis e no Astromagia¹⁵⁵, e a conjunção desses dois astros é utilizada para encantamentos afim de descobrir algo que está escondido. A invocação desses nomes, que remetem a diferentes tradições mágicas, traz mais poder ao encantamento.

¹⁵² Para saber mais sobre runas solares ler, LANGER, Johnni. Símbolos mágicos nórdicos: guia visual e histórico. Academia.edu, 2020. <https://www.academia.edu/43073317>.

¹⁵³ Não estou aqui me referindo ao aspecto angelical já que Rafael é conhecido por seu um anjo bíblico.

¹⁵⁴ *TEXTOS de Magia em Papiros Gregos*. Tradução de José Luis Clavo Martínez y María Dolores Sánchez Romero. Madrid: Editorial Gredos, 1987 (Biblioteca Clássica Gredos, 105). V 239-243, p. 193.

¹⁵⁵ ALFONSO X. *Astromagia* (Ms.Reg.lat.1283^a). Edição, tradução e comentário de Alfonso d'Agostino. Napoli: Liguori Ed., 1992. p. 290.

Mas a final de contas, como tantas tradições mágicas poderiam estar presentes num mesmo grimório, e como no caso do feitiço 45, num mesmo encantamento?

Retomando alguns casos que já foram mencionados, por exemplo, o xerife Magnús Magnússon. Durante o século XVII, para se tornar xerife não era necessário ter algum tipo de conhecimento em direito islandês para assumir o cargo, ou, como era mais provável, o cargo passaria para um dos herdeiros do antigo xerife, que muito provavelmente aprenderia a profissão com o pai.¹⁵⁶

A administração legal do país se organizou dessa maneira, diante do fato de que não haviam universidades no país. Quando a aristocracia queria ter contato com o ensino superior, estes tinham que viajar para o continente, provavelmente Noruega ou Alemanha.¹⁵⁷ Aqui vale ressaltar que muito provavelmente esses filhos da aristocracia tiveram acesso a universidades e entraram em contato com livros, músicas, amuletos e outros objetos que de alguma forma contribuíram para a transferência desses conhecimentos do continente para a ilha, e da ilha para o continente.

Além disso, sabemos que haviam escolas de tradução na Islândia, então professores e estudantes também transitavam em direção a Islândia. Assim, não é precipitado da minha parte pensar que livros eram trocados, presentes eram deixados, pois estamos debatendo também que “(...) esses grimórios eram frequentemente localizados nas escolas da Sé, que foram inundadas pelo conhecimento mágico no século XVII.”¹⁵⁸

Diante desse cenário apenas posso concluir que por esse movimento ser dinâmico, indo e vindo, não compreendo ele como apenas uma circularidade de saberes, dando a entender que apenas se mantém preso a um circuito, mas sim que ele se apresenta através de entrelaçamentos: ao passo que analisamos apenas um encantamento, toda uma teia de tradições mágicas se movimenta. Tradições estas que ultrapassam as fronteiras do país, por isso compreendo esse movimento através da perspectiva de entrelaçamentos transculturais.

¹⁵⁶ ELLISON; 1993: p. 217-218.

¹⁵⁷ OLIVEIRA, André Araújo de. A importância dos bispos na cristianização da Islândia Medieval. In: *Seres Vivos: Representações, Narrativas e Histórias*, 5, 2015, Vitória/ES, Anais do V Encontro Internacional UFES/Paris-Est. Vitória: LHPL, 2015. p. 208-221.

¹⁵⁸ HASTRUP; 1993: p. 390.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi uma pequena tentativa de introduzir o debate, em língua portuguesa, sobre a perseguição que ocorreu durante o Século do Fogo. Através da construção de um mosaico, partindo da utilização da ferramenta da hermenêutica imaginativa, foi possível descrever, interpretar e analisar os acontecimentos que as fontes apresentavam, e assim construir um panorama histórico que pudesse compreender esse fenômeno.

Na tentativa de responder algumas das indagações levantadas na introdução dessa monografia, sobre quem seriam esses supostos bruxos e bruxas: em sua maioria homens, com boa condição financeira e um alto *status* social. Mesmo assim, no caso dos Jóns Jónsson de Kirkjuból, não conseguiram reunir testemunhas o suficiente para atestar a favor de sua absolvição. Partindo do pressuposto de que a única ferramenta jurídica que os acusados tinham acesso eram as dozes testemunhas, num cenário em que o acusador é o líder religioso da comunidade e possui fiéis atentos a tudo que será vociferado contra eles a cada domingo, seria um exercício argumentativo tentar mudar a opinião pública de fiéis contra seu pastor. Sendo assim, é justificável que eles não tenham conseguido reunir o número necessário de apoio, apesar da influência que ambos exerciam na comunidade diante do *status* de guardiões da igreja.

Além dessa relação de poder que se constrói nesses casos, existe a dimensão do pânico que esse fenômeno promove. As barreiras que a intolerância ultrapassou, nesse contexto, excedem concepções anteriores e atribuem demonização a toda e qualquer prática mágica, independente da finalidade. A existência de uma portaria que define toda prática mágica como maléfica é sintoma desse pânico, e não quero dizer que não houveram *maleficium* praticados, apenas estou constatando que ao passo que um homem em um púlpito vocifera sobre os ataques que vem sofrendo a noite, no mesmo culto seus fiéis acenam e confessam que também estão sofrendo esses mesmos males. E voltando ao ponto anterior, é difícil acusar alguém de ataque, sem atacá-lo. Por conta do pânico, muitas vezes, pessoas se veem autorizadas a perseguir, torturar, julgar e queimar seus vizinhos.

Dentro dos estudos de bruxaria, é comum que teóricos discutam que as motivações que levaram às caças às bruxas surgiram diante da invenção de padres dominicanos, como é o caso dos autores *História da Bruxaria*, Jeffrey B. Russell e Brooks Alexander. Contudo, a existência do pânico não exclui a prática. A prática pode ser interpretada também como parte da agência desses sujeitos históricos; logo, afirmar que a raiz de toda a caça às bruxas seria

fruto de uma invenção é, além de reducionista, parte de um pressuposto epistemológico racional, europeu, cartesiano e que não leva em conta a concretude de práticas de cunho mágico como reais para aqueles que nela acreditaram no passado. Isso acaba criando também, um problema metodológico nos estudos sobre magia, já que criam um binarismo entre verdadeiro e falso, uma armadilha para os historiadores. Logo, esse dilema acaba fazendo também com que alguns historiadores considerem o tema dos estudos sobre magia e feitiçaria como temas irrelevantes ou mesmo marginais.

Como foi anteriormente dito, existiram múltiplos grimórios de magia circulando na Islândia durante esse período, além dos livros, como também podemos notar no capítulo dois, muitas das práticas mencionadas na confissão de Jón júnior estavam descritas no *Galdrabók*, o que demonstra que esses conhecimentos eram compartilhados, ou minimamente circulados. A existência de livros de magia pressupõe prática.

Para além da presença de conhecimentos mágicos é importante analisar também quem os possuía. Os debates frente a presença masculina em casos de bruxaria na Europa não contemplam a dimensão mágica presente nos casos de perseguição ocorridos na Islândia. Muitos estudos acabam caindo na tentativa de criar métodos que generalizam essa excepcionalidade, da mesma forma como muitos exemplos de estudos que analisam os casos em que há uma predominância maior de mulheres condenadas. A tentativa é válida, mas em ambos é importante analisar as características regionais de cada perseguição, para não cair em ideias universalistas.

Por fim, mesmo a Islândia sendo vista como uma região inóspita, devido as temperaturas extremas, nada poderia ser mais apático que a percepção acadêmica sobre suas conexões intelectuais, em especial, no quesito de entrelaçamentos transculturais.

As ligações da Escandinávia com o Mediterrâneo são conhecidas e estudadas há muito tempo, mas é notável perceber como certos assuntos foram relegados a uma exclusividade geográfica. Não se trata mais de alquimistas ingleses, bruxas alemãs ou aristocratas debatendo filosofias neoplatônicas e magia greco-egípcia. Dois anos de pesquisa me fazem inquestionavelmente adicionar a Islândia a um percurso até então entendido como Mediterrâneo de debate mágico.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO X. *Astromagia* (Ms.Reg.lat.1283^a). Edição, tradução e comentário de Alfonso d'Agostino. Napoli: Liguori Ed., 1992. p. 290.

BAUER, Alessia. What is the oldest example of an Icelandic grimoire? *The Icelandic Web of Science* 21.6.2021. <http://why.is/svar.php?id=81995>. (Skođađ 5.12.2021).

Biblioteca Nacional da Suécia. Disponível em: <https://handrit.is/?lang=en>. Acesso em: 15 de julho de 22.

BIRRO, Renan Marques. Uma brevíssima introdução sobre as runas e o estudo das runas. *Fato & Versões*, Faculdade Católica de Uberlândia/Universidade de Mato Grosso do Sul, p. 1-14, 2014/2. Disponível em: https://www.academia.edu/12427216/Uma_brev%C3%ADssima_introdu%C3%A7%C3%A3o_sobre_as_runas_e_o_estudo_das_runas. Acesso em: 02 de julho de 2022.

BRENTJES, Sonja; FIDORA, Alexander; TISCHLER, Matthias M. Towards A New Approach To Medieval Cross- Cultural Exchanges. *Journal of Transcultural Medieval Studies*, vol. 1, no. 1, 2014, p. 9-50.

CLARK, Stuart. *Pensando com Demônios: A Idéia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FLOWERS, Stephen E. *The Galdrabók: An Icelandic Book of Magic*. 2. ed. Smithville: RÛNA-RA VEM PRESS, 2005.

Galdra. (2017), In: *Icelandic-English/English-Icelandic*. Reykjavik: Hippocrene Books.

GUILEY, Rosemary Ellen. *The Encyclopedia of Magic and Alchemy*. New York: Facts On File, Inc. 2006.

HASTRUP, Kirsten. Iceland: Sorcerers and Paganism. In: _____. *Early modern European witchcraft: centres and peripheries*. Oxford [England]: Clarendon Press, 1990.

JÓNSSON, Már. *Witchcraft and popular culture in Seventeenth Century Iceland*. Perdue University. 2019.

LANGER, Johnni. *Sete erros históricos sobre runas e magia rúnica*. Academia.Edu, 2020. <https://www.academia.edu/43005456>.

LEM – *Leituras da Escandinávia Medieval (UEL)*. Disponível em: https://www.facebook.com/LEMsocial/about/?ref=page_internal Acesso em: 4 de setembro de 2021.

MAGNÚSSON, Jón. Appendix 2: Decree of King Christian IV. *And Though This World with Devils Filled: A Story of Sufferings*, trans. Michael Fell, vol. 236, American University

Studies. Series VII, Theology and Religion (New York, NY: Peter Lang Publishing, 2007). 193-194.

MORRIS, Christopher. *A Spell Against Misogyny: Masculinity and Magic in Early Modern Iceland*. London: 2014.

Museum Sorcery & Witchcraft. Disponível em: <https://galdrasynning.is/>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

OLIVEIRA, André Araújo de. A importância dos bispos na cristianização da Islândia Medieval. In: *Seres Vivos: Representações, Narrativas e Histórias*, 5, 2015, Vitória/ES, Anais do V Encontro Internacional UFES/Paris-Est. Vitória: LHPL, 2015.

Professor Dr. Renan Marques Birro. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7210350209508802> Acesso em: 4 de setembro de 2021.

R. C. ELLISON (1993) THE KIRKJUBÓL AFFAIR: A SEVENTEENTHCENTURY ICELANDIC WITCHCRAFT CASE ANALYSED, *The Seventeenth Century*, 8:2, 217-243. Disponível em; <http://dx.doi.org/10.1080/0268117X.1993.10555361>. Acesso em: 4 de setembro de 2021.

Revista Brathair. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/about> Acesso em: 4 de setembro de 2021.

ROBERT, Cole M., "förgörning to trolldom: A History of Danish Witchcraft and Magic" (2019). Honors Theses. 2363. <https://digitalworks.union.edu/theses/2363>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais: ensaio sobre a hermenêutica imaginativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIEN – Sociedade Iberoamericana de Estudos Nórdicos. Disponível em: https://www.facebook.com/Sociedad-Iberoamericana-de-Estudios-N%C3%B3rdicos-887157348005813/about/?ref=page_internal Acesso em: 4 de setembro de 2021.

SILVEIRA, Aline Dias da. Política e Magia em Castela (século XIII): um fenômeno transcultural. *Topoi (Rio J.)* (Online), v. 20, n. 42, p. 604-626, set/dez. 2019.

Stafir. (2017), In: *Icelandic-English/English-Icelandic*. Reykjavik: Hippocrene Books.

Stephan E. Flowers. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Stephen_Flowers. Acesso em: 15 de julho de 2022.

TEXTOS de Magia em Papiros Griegos. Traducion de José Luis Clavo Martínez y Maria Dolores Sánchez Romero. Madrid: Editorial Gredos, 1987 (Biblioteca Clássica Gredos, 105).

Warlock. (2017), In: *Oxford English Dictionary* (3rd ed., p 1005-1006). Oxford: Orford Unyversity Press.

WELSCH, Wolfgang. Mudança estrutural nas ciências humanas*: diagnósticos e sugestões. *Educação*, Porto Alegre/RS, n. 2 (62), p. 237-258, maio/ago. 2007.

ZARRILLO, Dominick. *The Icelandic Witch Craze of the Seventeenth Century*. The College of New Jersey. New Jersey. 2018.

6 APÊNDICES

6.1 APÊNDICE A

The Executed. Disponível em: <https://galdrasyning.is/en/onnur-liflat-2/>. Acesso em: 4 de setembro de 2021.

LISTA DE EXECUTADOS			
ANO	NOME	ORIGINAL	TRADUZIDO
1625	Jón Rögnvaldsson	Burnt in Eyjafjörður, north Iceland, for raising a ghost and possessing papers with runic characters. Denied all accusations.	Queimado em Eyjafjörður, norte da Islândia, por criar um fantasma e possuir papéis com caracteres rúnicos. Negou todas as acusações.
1654	Pórður Guðbrandsson	Burnt in Trékyllisvík, Strandir, for causing strange occurrences in the community. After imprisonment he confessed that he had met the devil in the guise of a fox and sent it to Trékyllisvík.	Queimado em Trékyllisvík, Strandir, por causar ocorrências estranhas na comunidade. Após a prisão, ele confessou que encontrou o Diabo disfarçado de raposa e o enviou para Trékyllisvík.
1654	Egill Bjarnason	Burnt in Trékyllisvík, Strandir, after confessing that he had killed a sheep with magic and made a contract with the devil.	Queimado em Trékyllisvík, Strandir, após confessar que matou uma ovelha com magia e fez um contato com o Diabo.
1654	Grímur Jónsson	Burnt in Trékyllisvík, Strandir, after confessing that he knew magic runes and had killed a sheep with a magic character.	Queimado em Trékyllisvík, Strandir, após confessar que conhecia runas mágicas e matou uma ovelha com um character mágico.
1656	Jón Jónsson sen.	Burnt in Ísafjörður, admitted in custody that he owned grimoires and that he had used them against	Queimado em Ísafjörður, admitiu sob custódia que possuía grimoires e que os havia usado contra o reverendo Jón

		the rev. Jón Magnússon.	Magnússon.
1656	Jón Jónsson jun.	Burnt in Ísafjörður. Admitted having used magical signs and among other things, having used farding-runes (Fretrúnir) against a girl, and caused the sickness of the rev. Jón Magnússon.	Queimado em Ísafjörður, admitiu ter usado sinais mágicos e entre outras coisas, ter usado runas de peido (Fretrúnir) contra uma garota, e causado a doença do reverendo Jón Magnússon.
1669	Jón Leifsson	Burnt in Barðastrandarsýsla in the Westfjords for having caused the illness of Helga, wife of the rev. Páll Björnsson in Selárdalur. Admitted that he had tried to gain some knowledge of the occult.	Queimado em Barðastrandarsýsla nos Westfjords por ter causado a doença de Helga, esposa de reverendo Páll Björnsson em Selárdalur. Admitiu que tentou obter algum conhecimento de ocultismo.
1669	Erlendur Eyjólfsson	Burnt in Húnavatnssýsla county in north Iceland for having taught Jón Leifsson magic. Admitted that he had handed Jón a stave named Ausukross.	Queimado no condado de Húnavatnssýsla, no norte da Islândia, por ter ensinado magia a Jón Leifsson. Admitiu que entregou a Jón um sigilo chamado Ausukross.
1671	Sigurður Jónsson	Burnt in Þingvellir after a trial in Ísafjarðarsýsla county. Admitted among other things that he had fought a ghost and frightened it off with the help of herbs and his own semen.	Queimado em Þingvellir após um julgamento no condado de Ísafjarðarsýsla. Admitiu, entre outras coisas, que havia lutado contra um fantasma e o espantado com a ajuda de ervas e seu próprio sêmen.
1674	Páll Oddsson	From Húnavatnssýsla county, burnt at Þingvellir. Denied all knowledge of magic but was convicted because of rumours against him.	Do condado de Húnavatnssýsla, queimado em Þingvellir. Negou todo conhecimento de magia, mas foi condenado por causa de rumores contra ele.

1674	Böðvar Þorsteinsson	Burnt at Þingvellir after having admitted that he had prevented a ship in Snæfellsnes from fishing.	Queimado em Þingvellir após ter admitido que havia impedido um navio em Snæfellsnes de pescar.
1675	Magnús Bjarnason	Admitted that he had caused the sickness of Helga, Páll Björnsson's wife, in Selárdalur, Westfjords.	Admitiu que causou a doença de Helga, esposa de Páll Björnsson, em Selárdalur, Westfjords.
1675	Lassi Diðriksson	Condemned in connection with the sickness of Helga in Selárdalur, denied all charges and was generally thought innocent. Burnt at Þingvellir.	Condenado em conexão com a doença de Helga em Selárdalur, negou todas as acusações e foi majoritariamente considerado inocente. Queimado em Þingvellir.
1677	Þorbjörn Sveinsson	A marked thief who was found in possession of magical signs. Admitted that he had used sorcery to try to find out who had stolen from him and to make sheep easier to handle. From Mýrasýsla county in the West, burnt at Þingvellir.	Um ladrão marcado que foi encontrado em posse de sinais mágicos. Admitiu que havia usado feitiçaria para tentar descobrir quem o havia roubado e para tornar mais fácil manejar as ovelhas. Do condado de Mýrasýsla, no Oeste, queimado em Þingvellir.
1678	Stefán Grímsson	Admitted freely after a death sentence was passed, though none of the things he was accused of. Burnt in Húnavatnssýsla county.	Admitiu (crimes) abertamente depois que uma sentença de morte foi proferida, embora nada do havia sido acusado de. Queimado no condado de Húnavatnssýsla.
1678	Jón Helgason	Burnt in Barðastrandarsýsla county in the Westfjords for having caused the sickness of Helga in Selárdalur.	Queimado no condado de Barðastrandarsýsla nos Westfjords por ter causado a doença de Helga em Selárdalur.
1678	Þuríður Ólafsdóttir	Mother of Jón Helgason, burnt for the same offence on	Mãe de Jón Helgasson, queimada pela mesma ofensa nas

		the words of the rev. Páll Björnsson.	palavras (acusações) do reverendo Páll Björnsson.
1681	Ari Pálsson	From Barðastrandarsýsla where he was rumoured to have practiced magic, burnt at Þingvellir after failing to get his peers to swear his innocence. After conviction he admitted to knowing how to find out if a woman was a virgin.	De Barðastrandarsýsla, onde havia rumores de que ele praticava magia, queimado em Þingvellir depois de não conseguir que seus colegas jurassem sua inocência. Após a condenação, ele admitiu saber descobrir se uma mulher era virgem.
1683	Sveinn Árnason	Burnt in Arngerðareyri in the Westfjords for having caused an illness which the daughter of Páll and Helga in Selárdalur suffered from.	Queimado em Arngerðareyri, nos Fiordes Ocidentais, por ter causado a doença da qual sofreu a filha de Páll e Helga em Selárdalur.

6.2 APÊNDICE B

Imagem 12 – Christian IV da Dinamarca



ISAACSZ, Pieter. Christian IV. 1612. Pintura, óleo sobre tela.
Disponível em: <https://www.kongernessamling.dk/rosenborg/object/christian-4-ca-1612/>.
Acesso em: 7 de julho de 2022.

6.3 APÊNDICE C

Imagem 13 - Sivert Grubbe, secretário do rei Christian IV



Disponível em: https://da.wikipedia.org/wiki/Sivert_Grubbe#/media/Fil:Sivert-grubbe-1566-1636.jpg. Acesso em: 7 de julho 2022.